UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

JORGE ANTONIO DE MORAES ABRÃO

**A Metáfora no Processo de Interação On-Line:
uma abordagem semiótica e cognitiva**

SÃO PAULO
2018

JORGE ANTONIO DE MORAES ABRÃO

**A metáfora no processo de interação on-line:
uma abordagem semiótica e cognitiva**

Versão Corrigida (versão original disponível na Biblioteca da ECA/USP)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, na área de concentração Teoria e Pesquisa em Comunicação, sob a orientação do professor. Dr. Anderson Vinicius Romanini.

SÃO PAULO

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Abrão, Jorge Antonio de Moraes

A metáfora no processo de interação on-line:: uma abordagem semiótica e cognitiva. / Jorge Antonio de Moraes Abrão ; orientador, Anderson Vinicius Romanini. -- São Paulo, 2018.

119 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão original

1. Semiótica 2. Teoria da Metáfora Conceptual 3. Metáfora 4. Redes Sociais 5. Interacionismo Simbólico I. Romanini, Anderson Vinicius II. Título.

CDD 21.ed. - 410

ABRÃO, J. A. M. A metáfora no processo de interação on-line: uma abordagem semiótica e cognitiva. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação - Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação.

Aprovada em: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento:

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo e à Escola de Comunicação e Artes pela oportunidade do Mestrado e, também, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/USP) pelo conhecimento e experiência passados.

Ao meu orientador, Anderson Vinicius Romanini, pelo desafio e por me guiar nos caminhos da Semiótica.

Aos membros da Banca Examinadora, pelas contribuições para este trabalho.

À minha mãe, Domingas, que sempre estimulou em mim a busca pelo conhecimento.

Ao Leonardo Perez que, mesmo antes de tudo começar, sempre esteve presente e ajudou mais do que imagina.

Aos amigos e colegas que de alguma forma contribuíram, eles sabem quem são. Acreditem tem algo de vocês aqui.

*the ideas are already out,
hiding behind people's eyes,
waiting in their thoughts*

Neil Gaiman

RESUMO

ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes A metáfora no processo de interação on-line: uma abordagem semiótica e cognitiva. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação - Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação.

Partindo da ideia de ciberespaço como lugar de interação social, neste trabalho, propomos uma reflexão sobre os processos de produção de significados presentes nas redes sociais. Com esse intuito, buscamos, a partir de uma abordagem inter ou multidisciplinar, entender o papel das metáforas na construção de significados, e como estes podem ser manipulados em um processo interpretativo. Consideramos que se por um lado, na semiótica peirceana, a metáfora pode ser vista como um mecanismo responsável pelo crescimento semiótico, devido à transferência de predicados entre símbolos. E, por outro, na Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora é tida como fator indispensável do pensamento e comportamento humano, influenciando como percebemos e compreendemos o mundo e as coisas. É, então, necessário aproximar as duas visões, de modo a promover um maior entendimento desse fenômeno. Assim, apresentamos, primeiramente, alguns pontos principais do que entendemos como signo metafórico, passando para uma síntese da teoria cognitivista para expor aquilo que consideramos como alguns lugares de convergência e relação entre as perspectivas. Em seguida, procuramos estabelecer um debate sobre a interação nas redes sociais na atualidade utilizando as premissas básicas do Interacionismo Simbólico como propostos pelo pensador americano Herbert Blumer. Baseados nesse tripé teórico, voltamos nossa atenção como um mesmo acontecimento é significado e ressignificado nas redes sociais a fim de entender o funcionamento desses processos

Palavras-Chave: Semiótica. Teoria da Metáfora Conceptual. Interacionismo Simbólico. Metáfora. Redes Sociais.

ABSTRACT

ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes. The metaphor in the process of on-line interaction: a semiotic and cognitive approach. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação - Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação.

Starting from the idea of cyberspace as a place of social interaction, in this work, we propose a reflection on the processes of production of meanings present in social networks. With this aim, we seek, from an inter/multidisciplinary approach, to understand the role of metaphors in the construction of meanings, and how they can be manipulated in an interpretative process. We consider that if, on the one hand, in Peircean semiotics, the metaphor can be seen as one as a mechanism responsible for the semiotic growth, due to the transfer of predicates between symbols. On the other hand, in the Theory of Conceptual Metaphor, the metaphor is understood as an indispensable factor of human thought and behavior, influencing how we perceive and understand the world and things. It is then necessary to approach the two visions, in order to promote a greater understanding of this phenomenon. Thus, we present, first, some main points of what we understand as the metaphorical sign, moving to a synthesis of cognitive theory to expose what we consider as some places of convergence and relationship between perspectives. Next, we try to establish a debate about the interaction in social networks in the present time using the basic premises of the Symbolic Interactionism as proposed by the American thinker Herbert Blumer. Based on this theoretical tripod, we turn our attention to one event. and how it was signified and re-signified in the social networks, aiming to understand the functioning of these processes.

Keywords: Semiotics. Theory of Conceptual Metaphor. Symbolic Interactionism. Metaphor. Social networks.

ABREVIATURAS

CP = *Collected Papers* (seguido do número do volume e da seção numerada).

W = *Writings of Charles Sanders Peirce* (seguido do número do volume e da página).

TMC = Teoria da Metáfora Conceptual

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	60
Figura 2.....	62
Figura 3.....	62
Figura 4.....	64
Figura 5.....	65
Figura 6.....	66
Figura 7.....	67
Figura 8.....	69
Figura 9.....	69
Figura 10.....	70
Figura 11.....	71
Figura 12.....	71
Figura 13.....	72
Figura 14.....	73
Figura 15.....	74
Figura 16.....	75
Figura 17.....	76
Figura 18.....	77
Figura 19.....	77
Figura 20.....	79
Figura 21.....	79
Figura 22.....	80
Figura 23.....	81
Figura 24.....	82
Figura 25.....	82
Figura 26.....	83
Figura 27.....	84
Figura 28.....	84
Figura 29.....	85
Figura 30.....	86
Figura 31.....	86
Figura 32.....	86
Figura 33.....	87
Figura 34.....	88
Figura 35.....	88
Figura 36.....	89
Figura 37.....	89
Figura 38.....	90
Figura 39.....	91
Figura 40.....	92
Figura 41.....	93
Figura 42.....	94
Figura 43.....	95
Figura 44.....	96

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. DA TEORIA GERAL ÀS METÁFORAS CONCEPTUAIS	15
2.1. Comunicação e Semiótica	15
2.2.1 Classes de signos	20
2.2.1.1. Ícones e hipoícones.....	22
2.2.1.2. A metáfora como signo	24
2.3. Metáfora conceptual	26
2.3.1. Revisões da Teoria da Metáfora Conceptual.....	30
2.4. Relações entre o signo metafórico e a metáfora conceptual.....	34
3. O INTERACIONISMO SIMBÓLICO NO ESTUDO DE REDES SOCIAIS	40
3.1. De Peirce a Blumer: um percurso.....	40
3.2. O Interacionismo Simbólico: alguns conceitos	43
3.3. A Interação simbólica on-line	48
3.3.1. Redes sociais on-line	49
3.3.1.1. A interação no <i>Facebook</i>	52
4. O USO DAS METÁFORAS NA INTERAÇÃO ON-LINE: UM ESTUDO DE CASO.....	55
4.1. O caso	55
4.2. A metodologia	57
4.3. Análise	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
BIBLIOGRAFIA	101
ANEXO A	108
ANEXO B	110
ANEXO C	112
ANEXO D	114

1. INTRODUÇÃO

A discussão em torno da construção e circulação de significados e sentidos na sociedade não é nova, porém com o advento e a propagação de novas tecnologias de comunicação, sobretudo as redes sociais on-line e os dispositivos móveis, novas possibilidades surgem, fazendo com que esse processo ganhe novos contornos, se ampliando e ganhando ainda mais complexidade. Este trabalho parte da necessidade de se pensar o processo de construção de significados produzidos nas interações em rede a partir da discussão de acontecimentos na esfera pública. Para tentar compreender esse fenômeno, nos apoiaremos em perspectivas vindas de diferentes campos do conhecimento, pois entendemos que é tal a variedade e a multiplicidade de fatores no objeto, que seu estudo deve buscar uma base interdisciplinar. Nossa hipótese é que as metáforas atuam nos processos de significação e interação no ambiente virtual, assim nos apoiaremos em um tripé teórico constituído pela Semiótica peirceana, pela Teoria da Metáfora Conceptual e pelo Interacionismo Simbólico. Nosso objeto de interesse é composto pelas propostas de ressignificação dos acontecimentos operadas por agentes públicos, em publicações no *Facebook*, os comentários e respostas colocados pelos atores sociais que interagem com as páginas. Desse modo, a fim de delimitar a pesquisa, elegemos como sua norteadora a pergunta “como o uso de metáforas contribui para a interação simbólica redes sociais on-line?”.

Este trabalho parte da crença de que é possível aproximarmos os conceitos de metáfora presentes na teoria semiótica de origem peirceana e na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), pois acreditamos que em ambas teorias, a metáfora tem função e modo de agir similares. Assumimos, para isso, o pressuposto semiótico de que a metáfora, como signo, funciona como um mecanismo responsável pelo crescimento semiótico devido a projeção de predicados entre signos, além da premissa cognitivista que afirma que a metáfora age de modo a nos fazer compreender algo nos termos de outro, gerando, assim, um novo conceito.

Consideramos a teoria semiótica proposta por C. S. Peirce como central para o entendimento desta questão posto que – embora tenha sido pensada como uma meta-ciência voltada ao estudo do raciocínio de métodos científicos – com a multiplicação exponencial dos signos, que se intensificou a partir do surgimento e popularização das mídias digitais (SANTAELLA, 2014), ganha ainda mais relevância, pois, para o pensador americano, o signo comunicativo é definido como meio por onde a informação passa e se desenvolve (ROMANINI,

2016). Assim, vemos a teoria peirceana dos signos, também, como uma teoria da comunicação e, como tal, possuidora de uma natureza transdisciplinar. Para tentar compreender melhor os processos de significação, nos concentraremos na noção peirceana de metáfora, isto é, como um mecanismo responsável pelo crescimento semiótico devido à transferência de predicados entre símbolos.

Com essa noção, podemos aproximar a teoria semiótica à Teoria da Metáfora Conceptual, pois nessa proposta temos que “essência da metáfora é compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra” (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980]), sendo parte indispensável do pensamento e comportamento, influenciando como percebemos e compreendemos o mundo e as coisas.

Desse modo, acreditando no papel fundamental das metáforas na construção de significados, ou seja, na maneira como o mundo é percebido e conceptualizado, e, portanto, como as pessoas se comunicam, interagem e atuam, buscamos no Interacionismo Simbólico, como proposto por Blumer (1980), subsídios para compreender melhor a interação e comunicação no ambiente digital, pois vemos as redes sociais como um ambiente de interação simbólica.

Por essa perspectiva teórica, as comunidades são formadas por indivíduos ativos guiados pela interpretação dos significados dados. Esses significados são construídos na interação social da comunicação e, portanto, são um elemento-chave na compreensão dos processos de interação. Blumer (1980) destaca a comunicação como instrumento de criação da realidade através de um processo dinâmico e interativo, assim, não se pode estudar ou entender as associações humanas fora do contexto comunicativo. Meyrowitz intensifica nossa compreensão da internet como lugar de interação simbólica quando diz que “o contato social não ganha significado apenas pela presença física e pelo lugar físico para interação, mas ganha significado a partir da mídia que utiliza” (1985, p. 5).

Com base no exposto acima, acreditamos que a partir da identificação e análise dos conceitos metafóricos materializados em redes sociais é possível entender melhor o processo de construção social de significados. Esse entendimento é necessário para uma melhor compreensão da internet, concebida como um local de interação simbólica on-line. Desse modo, pretendemos voltar nosso olhar as redes sociais de parlamentares proeminentes no cenário político nacional. Escolhemos para isso, analisar as publicações nas páginas oficiais dos deputados federais Jean Wyllys e Jair Bolsonaro, no *Facebook*. A escolha desses atores se deu pois, além de apresentarem

pontos de vista contrários e terem um histórico de embates entre si, possuem seguidores que se enfrentam nas redes sociais, apresentando certo maniqueísmo. Já a escolha do *Facebook* se dá em reconhecimento das potencialidades dessa rede social que podem ser vistas como um campo de circulação de opiniões e ideias genuinamente participativas em que a mensagem pode romper com os paradigmas da difusão unidirecional. (JENKINS, FORD & GREEN, 2013 apud SAAD CORRÊA, 2013, p. 287).

Estruturamos essa dissertação em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, introdutório, são apresentados os propósitos e as perspectivas da pesquisa. No segundo capítulo apresentamos e discutimos os conceitos de metáfora presentes no pensamento peirceano e na TMC, buscando aproximá-los, de modo que nos ajudem a compreender seu funcionamento em processos de significação e ressignificação on-line. Em seguida, no terceiro capítulo, procuramos estabelecer um debate sobre a interação simbólica em sites de redes sociais na atualidade utilizando as premissas básicas do Interacionismo Simbólico. A esse pilar teórico, buscamos somar alguns conceitos o Pragmatismo de origem peirceana, pois acreditamos que este se constitui uma das bases do primeiro, além de fornecer pistas importantes para um melhor entendimento das relações de significação no ambiente virtual. No quarto capítulo, nos concentramos na apresentação do nosso objeto empírico e aos processos metodológicos que utilizamos ao responder nossa questão de pesquisa, como será visto nos movimentos analíticos que também fazem parte deste capítulo. Encerando a dissertação, o quinto capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa, questões ainda a serem discutidas e encaminhamentos possíveis para o futuro.

2. DA TEORIA GERAL ÀS METÁFORAS CONCEPTUAIS

Nos concentramos, neste capítulo, em apresentar as bases teóricas com as quais buscamos amparo para compreender a metáfora e seu funcionamento. Antes de procurar fazer um levantamento extenso das teorias que abordam o tema, nos atemos à metáfora como um tipo de signo presente na teoria semiótica de Charles S. Peirce e à Teoria da Metáfora Conceptual. Acreditamos que a proposta de tais teorias pode nos auxiliar a compreender processos de significação. Assim, iniciamos nosso percurso, apresentando primeiramente uma introdução ao pensamento peirceano e sua contribuição para o campo da Comunicação, para em seguida, nos aprofundarmos mais em seu conceito de metáfora. Após esse esforço, fazemos uma breve revisão da TMC e encerramos o capítulo buscando aproximar as duas visões.

2.1. Comunicação e Semiótica

A Semiótica não se trata de uma ciência aplicada, mas de uma ciência formal e abstrata que, para Santaella (1983), busca a investigação de todas as linguagens possíveis e o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido. Segundo Santaella e Nöth (2000), a semiótica é, sobretudo, uma filosofia da ciência, ou seja, funciona com uma teoria fundante, um método geral de investigação científica, ou ainda, como um mapa fenomenológico e epistemológico que pode ser usado por e em qualquer disciplina. Assim, para os autores, ao olharmos sob a luz de suas bases filosóficas, as definições e classificações dos signos de Peirce não aparecerão como classificações *strictu sensu*, e sim como padrões que incluem todos os aspectos ontológicos e epistemológicos dos modos como representamos, significamos e interpretamos a realidade. Desse modo, a semiótica não pode ser vista somente como uma teoria da comunicação, mas é possível dizer que a noção de peirceana de semiose se insere em um modelo de comunicação.

Nesse modelo, a comunicação pode ser vista, essencialmente como transmissão de informação, a ser interpretada, e que precisa estar incorporada em algo, a mensagem que, por sua vez, se materializa em algum tipo de signo e que é transportada em algum tipo de canal. Dado que ao produzir um efeito no destinatário cria-se uma nova informação que é transmitida e novamente interpretada, continuamente, criando-se assim um processo de semiose contínuo, em que cada signo interpretado gera um novo signo. Dessa maneira, a Semiótica se faz uma teoria da

comunicação, pois, por um lado, esta não acontece sem o fluxo de signo, e por outro lado, a semiose é acima de tudo um processo de interpretação.

Tendo que uma das principais características da teoria de Peirceana, e talvez seu ponto forte principal, é sua visão generalista e lógica de organização dos signos, Nicolau et al. (2010) considera que a Semiótica se coloca bastante propícia para o estudo das mídias digitais na atualidade, posto que é nesse contexto que têm surgido um número muito grande de linguagens, com a criação de ícones representativos de uma realidade virtual. Ao mesmo tempo, continua o autor, em que a virtualização da linguagem fechou um ciclo importante na constituição das imagens no âmbito da nossa cultura.

Santaella (2007, p. XIII) nos lembra ainda, que Buczynska-Garewicks – a quem considera uma das maiores críticas do uso da semiótica peirceana para estudos empíricos – afirma que a teoria dos signos “é capaz de explicar e interpretar todo o domínio da cognição humana” e que além de ser uma teoria do conhecimento, a Semiótica também fornece as categorias para a análise da cognição já realizada, dessa forma, ela também é uma metodologia.

2.2. Teoria Geral dos Signos

Charles Sanders Peirce, assim como a teoria que criou, foi um cientista generalista (matemático, físico, químico, filósofo, psicólogo) que tentava fornecer, com sua vasta filosofia, uma metalinguagem comum a todas as ciências, que fosse quase uma ciência e possibilitasse aos estudiosos entender as relações de seus diversos objetos de estudos. Assim, a semiótica peirceana é parte de um sistema filosófico maior, embasado na fenomenologia, uma quase-ciência que busca a descrição do *phaneron*, isto é, investiga os modos como apreendemos aquilo que se apresenta a nossa mente (SANTAELLA, 2002). Peirce buscou em sua carreira definir conceitos elementares que permitissem construir um esquema analítico com um nível de generalidade máxima, aplicável a qualquer ciência ou disciplina.

A fenomenologia, então, é alicerçada nas três categorias do pensamento e da natureza: primeiridade, secundidade e terceiridade. Segundo Santaella (2014), essas categorias estão presentes em todo e qualquer fenômeno, sendo conceitos simples e aplicáveis a tudo, ou seja, universais, e por isso mesmo não excluem, substituem ou impõem a si mesmas. Assim, são dinâmicas, interdependentes e onipresentes. A Primeiridade, ou MÔNADA, nos apresenta o

universo das qualidades, dos sentimentos, das possibilidades, do indefinido, da potencialidade, da estética. Já a Secundidade, ou Díade, nos traz o universo da reação, da existência, do definido, do efeito, da realidade, da ética e, por fim, a Terceiridade ou Tríade, apresenta o universo da mediação, do contínuo, do crescimento, da generalidade, da lei, da lógica.

Peirce, propõe um sistema filosófico que parte da Fenomenologia – o estudo dos objetos e das estruturas da ciência cognitiva, aquilo que chega à mente – e vai até às Ciências Normativas, extraindo da primeira os princípios fundamentais para as demais. Ou seja, na arquitetura filosófica de Peirce, a fenomenologia dá o suporte para a fundação das três ciências normativas iniciais: a Estética – ciência dedicada ao que é admirável por si, sem razão aparente –; a Ética – ciência da ação ou da conduta –; e a Lógica ou Semiótica – estruturada a partir da estética e da ética como uma teoria dos signos e do pensamento racionalizado (NICOLAU et al., 2010).

A Estética dá subsídios às demais e se refere a primeiridade das coisas, a Ética estuda a ação propositada e tem ligação com a secundidade e Lógica se refere à terceiridade e pode ser entendida como a “ciência que estuda os signos, seus objetos e seus efeitos” (ROMANINI, 2016), assim, a Lógica passa a ser também chamada de Semiótica. É importante ressaltar que tal qual a primeiridade, está presente na secundidade e ambas se encontram na terceiridade, a Estética fundamenta a Ética e ambas fundamentam a Lógica ou Semiótica. De acordo com Santaella (2007), elas são disciplinas abstratas e gerais que não se confundem com ciências práticas; sendo chamadas de normativas porque têm por função estudar ideais, valores e normas.

Para Peirce, a Semiótica não trata apenas do signo e de suas propriedades formais, mas também das condições de representação do signo e dos efeitos causados pelo signo em seus intérpretes. Desse modo, o autor dá prosseguimento a seu esquema tríplice dividindo a Semiótica em três ramos: Gramática Especulativa, Lógica Crítica e/ou Metodêutica ou Retórica Especulativa.

A gramática especulativa é o estudo de todos os tipos de signos e formas de pensamento que eles possibilitam. A lógica crítica toma como base as diversas espécies de signos e estuda os tipos de inferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através de signos. Esses tipos de argumentos são a abdução, a indução e a dedução. Por fim, tomando como base a validade e força que são próprias de cada tipo de argumento, a metodêutica tem por função analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem. Portanto, a metodêutica estuda os princípios do método científico, o modo como a pesquisa científica deve ser conduzida e como deve ser comunicada. (SANTAELLA, 2002, p. 3-4).

Para Peirce, a Gramática Especulativa é a disciplina que nos faz identificar os signos, ora como similaridade (um desenho de um animal na parede), ora como signo indicial (poça d'água que indica que choveu ou fumaça que indica fogo), ora como símbolo convencionado pela cultura (as palavras que representam objetos sem nenhuma relação de aparência ou indício). Já a Lógica Crítica, segundo o autor, nos permite fazer as inferências de raciocínio como dedução, indução e abdução, processos que nos fazem chegar a conclusões de pensamento, como um silogismo composto por premissas: Todo político é mentiroso. José é político Logo, José é mentiroso. E a Retórica especulativa, ou Metodêutica, vem a ser o modo como desenvolvemos métodos para empreender essas questões do raciocínio, bem como para saber que métodos são mais apropriados a determinadas pesquisas – para descobrir de que forma os signos que compõem um discurso na mídia, por exemplo, fazem esse discurso funcionar precisamos ir à busca de respostas, levantando hipóteses, verificando pelo raciocínio e chegando a conclusões, ou seja, precisamos de um método que garanta esse procedimento de descoberta ou confirmação das respostas; é por ela que descobrimos qual ou quais métodos são os mais apropriados.

Assim como observamos nas divisões tripartites anteriores, vemos, aqui, uma relação de dependência, ou seja, a Gramática Especulativa fornece subsídios à Lógica Crítica que, então, pode suprir a Retórica. De acordo com Romanini (2016), Peirce dedicou grande parte de seus estudos na primeira em uma busca intensa, a fim de atingir uma definição de signo e a classificação de seus tipos corretamente, permitindo, assim, o avanço dos outros ramos.

Aqui nos concentraremos na Gramática Especulativa, pois, segundo Santaella (2002) apesar desse ramo funcionar como uma propedêutica para a Lógica Crítica e para a Retórica Especulativa, devido a sua natureza filosófica, ontológica e epistemológica mais ampla, também pode ser considerado individualmente ao se analisar processos de significação já existentes. Isso é possível porque esse ramo se trata de uma teoria geral de todos os tipos possíveis de signos, das suas propriedades e seus comportamentos, de denotação da informação e de interpretação, trabalhando com conceitos abstratos que são capazes de determinar; descrever; analisar e avaliar todo e qualquer signo assim como os processos sógnico. Ou seja, a Gramática Especulativa abarca todas as definições e classificações de qualquer signo, permitindo assim tanto sua análise como a da representação que dele implica.

Entendemos representação como o processo de apresentação de um objeto a um intérprete de um signo ou a relação entre o signo e objeto (SANTAELLA e NÖTH 1997), assim ela engloba três aspectos: a significação, a objetificação e a interpretação. Esses aspectos da representação surgem devido à natureza triádica do signo, assim quando se olha para a significação, analisa-se o poder do signo de significar e suas propriedades intrínsecas. Por outro lado, ao se analisar a objetificação, estamos estudando seu poder de representar seu objeto, sua referência àquilo que indica. Já, aos nos concentrarmos na interpretação, refletimos sobre os possíveis efeitos que o signo pode no intérprete.

Todo o propósito de um signo é de ser interpretado num outro signo; e toda a sua pretensão reside no caráter especial que ele atribui a essa interpretação. Quando um signo determina uma interpretação de si mesmo num outro signo, ele produz um efeito fora de si mesmo, um efeito físico, mesmo se o signo que produz este efeito seja em si mesmo não um objeto que existe, mas meramente um tipo. Ele produz esse efeito não nesse ou naquele sentido metafísico, mas num sentido incontestável. (PEIRCE, 1931-1958, § 8.191, cerca de 1904, apud NÖTH, 2016)

Como nos lembra Romanini (2016), há uma relação triádica indecomponível no signo, ou seja, ele é composto, necessariamente, por si mesmo (também chamado de *representamen*), pelo seu objeto e pelo seu interpretante, de tal forma que o signo pode ser entendido como qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, o objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo, o interpretante do signo, em uma mente real ou potencial. Nas palavras de Peirce:

Signo é qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um objeto e, de outro, assim determina uma ideia na mente de uma pessoa (interpretante) é mediatamente determinada por aquele objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu interpretante. (PEIRCE 8.343, apud SANTAELLA, 2000:12)

O **signo**, ou *representamen*, é o elemento de mediação, aquilo que representa o objeto, sendo determinado pelo objeto, porém, é o signo que determina o interpretante. O **objeto** é aquilo que o signo representa, mas essa representação não é completa. Mesmo estando fora do signo, o objeto o determina. Já o **interpretante** é o efeito interpretativo produzido pelo objeto por meio do signo, sendo ele mesmo uma espécie de signo. O interpretante pode ser imediato, dinâmico ou final.

Aqui se faz necessário salientar que signo não pode representar a totalidade do objeto, visto que o que se quer representar é muito mais vasto e complexo do que um signo em si pode representar, assim ele pode ser marcado, quase sempre, pela vagueza e pela generalidade, necessitando de um complemento que o defina. Dessa forma, ao perceber a incompletude do signo e no entendimento da necessidade de algo além do signo que permita para complementar o processo de semiose, Peirce desenvolve o conceito de experiência colateral.

A experiência colateral possui um caráter múltiplo e complexo: resultado de diversos contatos anteriores que estão armazenados na memória. Para o autor, é o conhecimento imperativo para que se entenda determinada relação entre objeto e signo, entretanto esse conhecimento está fora do signo. Assim, é possível dizer que a experiência colateral é um conjunto de contatos anteriores, por meio de outros signos ou quase-signos, com o objeto do signo em questão: percepções sutis, informações sensoriais particulares, um sentido instaurado que recorda uma série de atributos que o signo em si não pode fornecer totalmente. É uma espécie de estado de consciência que nos conecta com o universo relativo ao signo ali apresentado no momento (PEIRCE, 1980:122). Bergman (2010) ressalta que essa experiência não precisa ser diretamente do objeto em questão; sendo suficiente que o intérprete possa estabelecer uma conexão entre o Objeto e sua experiência colateral.

2.2.1 Classes de signos

Entre as diversas classificações dos signos desenvolvidas por Peirce, podemos dizer que mais conhecida é a que se refere à secundidade, isto é, à relação do signo com seu objeto, assim, por ser a mais utilizada, muitos trabalhos se detém na distinção entre ícone, índice e símbolo, porém esta é apenas umas das três tricotomias possíveis. Desse modo, para se obter uma classificação mais completa dos signos é importante lembrar que o signo pode ser analisado a partir de três aspectos: a significação; a objetificação e a interpretação que, respectivamente, se referem ao signo em si mesmo (representamen); ao modo que o signo representa o objeto e ao efeito que o signo causa, ou seja, o interpretante. Também é necessário recordar as três categorias ontológicas da fenomenologia, primeiridade, secundidade e terceiridade. Dessa maneira, ao fazer o cruzamento dos três aspectos com as três categorias ontológicas obtém-se a seguinte Tabela de Signos:

Categorias/Aspecto	significação	objetificação	interpretação
primeiridade	quali-signo	ícone	Rema
secundidade	sin-signo	índice	dici-signo
terceiridade	legi-signo	símbolo	Argumento

A partir das combinações possíveis dessas tricotomias é que Peirce extrai as dez classes de signos genuínos (SANTAELLA, 2000):

- O quali signo (qualissigno icônico remático) é uma possibilidade, uma sensação, uma qualidade que é um signo. Seria a sensação de uma cor;
- O sinsigno icônico (sinsigno icônico remático) é qualquer objeto real, com alguma qualidade que evoca a ideia de um outro objeto, como um diagrama individual;
- O sinsigno indicial remático chama a atenção para um objeto presente com o qual está ligado fisicamente, com exemplo um grito de surpresa;
- O sinsigno dicente (sinsigno indicial dicente), como no caso anterior, possui uma ligação direta e física com objeto, porém fornece uma informação sobre ele, com um termômetro ou cata-vento;
- O legissigno icônico (legissigno icônico remático) é ícone interpretado como lei, ou seja, corporifica uma qualidade definida como uma lei geral, evocando a ideia de seu objeto, por exemplo, como um diagrama;
- O legissigno indicial remático é um signo de lei que é afetado por seu objeto e chama atenção sobre ele. Como exemplos podemos considerar um pronome demonstrativo ou um nome próprio;
- O legissigno indicial dicente é um signo de lei que é afetado por seu objeto, oferecendo uma informação definida sobre esse objeto. É o caso, por exemplo, de um cartaz significando proibido fumar ou uma placa de trânsito;
- Um símbolo remático (legissigno simbólico remático) é um signo ligado ao seu objeto através de associações de ideias gerais, trazendo à mente um conceito, devido a hábitos e disposições desta mente. Para Peirce, (2000, p. 56.) “é aquilo que os lógicos chamam de Termo Geral, ou muito se lhe parece. O Símbolo

Remático, como todo o símbolo, é da natureza de um tipo geral e é, assim, um legissigno”. Os substantivos comuns são exemplos de símbolo remáticos;

- O símbolo dicente (legissigno simbólico dicente), para Nöth (1995, p. 91) “combina símbolos remáticos em uma proposição, sendo, portanto, qualquer proposição completa”;
- Um argumento (legissigno simbólico argumental) é o signo do discurso racional e gera uma lei como interpretante. É a classe mais geral dos signos. Todas as regras são exemplos desse tipo de signo.

2.2.1.1. Ícones e hipoícones

Devido ao objetivo deste estudo e a amplitude e generalidade das classificações propostas por Peirce, nos ateremos a explorar o ícone, sua estrutura e possibilidades, pois para nós, por hora, o conceito atende às necessidades do objeto em questão, as metáforas presentes em discursos nas redes sociais.

Para Peirce, o ícone representa seu objeto devido a uma relação de semelhança das qualidades que se produz entre eles, não fazendo qualquer distinção entre o objeto e si mesmo (CP 5.74, apud ROMANINI 2006). Desse modo, o ícone não pode existir, exceto como possibilidade, pois qualidades não tem o poder de representar, apenas de se apresentar, ou seja, ele pode, apenas, sugerir ou evocar algo porque a qualidade que exhibe se assemelha a qualidade do objeto (SANTAELLA, 2002). Segundo Peirce:

Um Ícone é um Signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui, quer um tal objeto exista ou não. É certo que, a menos que realmente exista um tal Objeto, o Ícone não atua como Signo. Qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como um signo seu. (PIERCE, 1931-1958, v. 2, p. 247 apud SANTAELLA, 2000, p. 110)

Porém, Peirce reconhece que um “signo pode ser icônico e representar seu Objeto principalmente por sua semelhança” (PIERCE, 1931-1958, v. 2, p. 276 apud JAPPY, 2001). Dessa maneira, pode se distinguir o Ícone Puro do Signo Icônico ou Hipoícone (REIS, 2006). Ícone puro, como já exposto, é sempre uma expressão de qualidade de semelhança, despida de

informação factual, positiva, enquanto a concretização dessa possibilidade em um existente é que nos dá um signo icônico, que se define assim em razão da predominância do efeito iconizante proporcionado pelo ícone puro. Dessa forma, os hipoícones podem ser classificados pelo modo da relação de semelhança que o signo tem com seu objeto:

Hipoícones podem ser grosseiramente divididos de acordo com o tipo de Primeiridade da qual participam. Aqueles que participam de simples qualidades, ou Primeiras Primeiridades, são imagens; aqueles que representam as relações, principalmente diádicas, ou assim consideradas, das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes, são diagramas; aqueles que representam o caráter representativo de um *representamen* pela representação de um paralelismo em outra coisa, são metáforas. (CP 2.277, EP2: 274 apud FARIAS, 2008)

Desse modo, a Imagem se fundamenta na captura de qualidades simples, imediatas e superficiais do objeto, por meio de qualisignos sensoriais – sons, formas, odores, cores, texturas, volumes, movimentos, etc... – que sustentam a semelhança sensorial entre o hipoícone e seu objeto. A Imagem pode ser caracterizada como primeira primeiridade devido à sua condição de hipoícone duplamente degenerado da primeiridade, por isso a representação de uma simples qualidade é suficiente para a Imagem funciona como signo, independentemente do objeto ou do interpretante (JAPPY, 2001).

Já o Diagrama é um esquema conceitual que expressa relações abstratas internas do signo, também presentes no objeto, assim, a qualidade representativa do diagrama baseia-se em uma relação de semelhança estrutural entre o signo e seu objeto. O Diagrama tem sua origem na secundidade, sendo um signo dela degenerado, assim ao contrário da Imagem que é independente tanto do objeto como do interpretante, o caráter representativo do Diagrama está na sua dependência do objeto, ou seja, sua constituição requer que pelo menos dois elementos associados por alguma relação no objeto sejam representados por uma relação diádica análoga no signo.

Segundo Haley (1988, p. 37), a Metáfora iconiza um signo, produzindo um efeito de paralelismo e de semelhança com outro signo, logo sua qualidade representativa está na relação de semelhança estabelecida entre o caráter representativo de um signo como outro. Esse paralelismo promove uma operação de projeção de propriedades de um conceito sobre outro, atribuindo algumas características próprias do primeiro ao segundo conceito.

Santaella e Nöth (1997, p. 65) sintetizam a diferença entre os tipos de hipoícones ressaltando que a Imagem é uma similaridade na aparência; já o Diagrama tem sua similaridade baseada nas relações; enquanto a Metáfora no significado. Os autores ainda acrescentam que:

Pela lógica peirceana, no entanto, quando passamos da imagem para o diagrama, este embute aquela, assim a como a metáfora engloba, dentro de si, tanto o diagrama quanto a imagem. Daí que as cintilações conotativas da metáfora produzam nítido efeitos imagéticos, assim como a metáfora sempre se engendra num processo de condensação tipicamente diagramático. (SANTAELLA e NÖTH 1997, p. 65)

2.2.1.2. A metáfora como signo

Ainda que considerada por Jappy (2001) “o mais interessante dos hipoícones”, o autor reconhece que Peirce não chegou a formular uma teoria completa sobre a metáfora, escrevendo apenas algumas linhas sobre o tópico. Haley (1988), concorda que a descrição peirceana dos hipoícones não fornece uma definição completa de metáfora, e acrescenta que Peirce somente oferece uma distinção entre os tipos de hipoícones com relação às suas respectivas condições icônicas. Para o autor, Peirce fornece uma poderosa sugestão sobre o tipo de similaridade que é (arque)tipicamente metafórica, porém não a define quando afirma que a metáfora representa não apenas a qualidade simples de uma coisa ou uma estrutura análoga a ela (como fazem a imagem e o diagrama), mas, representa o “caráter representativo” de algo. Desse modo, a metáfora, sua definição e propriedades, constituem ainda tema de debate como visto em Anderson (1985), Haley (1988), Jappy (2001), Santaella (1996), HAUSMAN (1996) Sørensen e ThellefSen (2011), entre outros.

Segundo Jappy (2001), o primeiro ponto a ser levantado é que, para Peirce, a metáfora é forma, não apenas uma figura de linguagem. Mesmo que uma sentença possa ser (hipoiconicamente) metafórica, pois sua natureza qualitativa não limita os tipos de signos nos quais a metáfora possa representar, nem todo signo metafórico se apresenta na forma de linguagem verbal, não havendo limite teórico para o tipo de signo no qual a metáfora seja inerente.

Enquanto a imagem, por ser a primeira primeiridade, age independente de seu objeto e de seu interpretante e o diagrama, a primeira secundidade, funciona como relação entre o signo e objeto de forma autônoma ao interpretante. A metáfora, sendo duplamente degenerada da

terceiridade, ou seja, a primeira terceiridade, é, portanto, o signo mais genuíno dentre os três hipoícones, exigindo como o símbolo o envolvimento do interpretante em sua constituição.

A metáfora pode ser vista como um símbolo cuja iconicidade domina, compartilhando sua natureza tanto com o símbolo, quanto com o ícone. De um lado, depende de um hábito, familiaridade ou convencionalidade, que são trazidos pelo símbolo e, do outro, de uma representação qualitativa do objeto, que o ícone fornece (ROMANINI, 2006). Disso resulta o poder da metáfora de iconizar um signo e produzir um efeito de paralelismo e de semelhança com outro signo, de modo que sua qualidade representativa está na relação de semelhança estabelecida entre o caráter representativo de um signo como outro. Segundo Santaella:

As metáforas fazem um paralelo entre o caráter representativo do signo com o caráter representativo de um possível objeto. Ou melhor, e o que é mais engenhoso na definição de Peirce, elas representam o caráter representativo de um signo e **traçam um paralelismo com algo diverso**. Caráter representativo refere-se àquilo que dá ao signo poder para representar algo diverso dele. É essa que as metáforas representam. Extraem tão-somente o caráter, o potencial representativo em nível de qualidade, de algo e fazem paralelo com alguma coisa diversa. Há sempre uma forte dose de mentalização e acionamento de significados nas metáforas, daí elas serem hipoícones de terceiridade. (SANTAELLA, 2000, p. 120, grifo nosso)

Metáforas se referem indiretamente ao seu objeto são hipoícones de terceiridade e, segundo Santaella e Nöth (2017, p. 53), para funcionar as metáforas precisam despertar na mente do intérprete elementos terceiros capazes de unir as qualidades de seus elementos.

De acordo com Peirce, é através da descoberta de um paralelismo entre dois diferentes universos de experiência que é possível obter novos conhecimentos, assim, a metáfora pode ser entendida como uma nova maneira de usar a linguagem que pode causar uma nova maneira de pensar, ou, até mesmo, é uma nova maneira de pensar (SØRENSEN, THELLEFSEN & MOTH, 2007).

Esse paralelismo promove uma operação de projeção de propriedades de um conceito sobre outro, atribuindo algumas características próprias do primeiro ao segundo conceito, permitindo as metáforas realizarem inferências abduativas. Assim, na definição peirceana, a metáfora faz uma mediação por similaridade, uma “ponte semiótica” entre o signo e o objeto (SANTAELLA e NÖTH, 2017, p. 80)

Desse modo, para Romanini (2009), a metáfora tem um papel importante na percepção, pois permite a síntese da multiplicidade de estímulos perceptivos em uma ideia, dando ao

indivíduo acesso a informação na forma de uma conotação, desempenhando um papel muito mais importante na percepção e na lógica do que se normalmente supõe. Esse papel da metáfora é enfatizado por teóricos modernos:

Baseado em seu poder especial de síntese, a metáfora pode preencher as lacunas entre experiência e pensamento, entre imaginação e conceito e entre o novo e o conhecido. O momento central desse poder sintético é a iconicidade da metáfora, que seletivamente evoca percepções sensoriais e as integra nas constelações de significados. Por meio desse processo seletivo, a metáfora torna possível não só a conceituação da experiência, mas também a ligação do novo à experiência anterior. (DEBATIN, 1995 apud ROMANINI, 2006):

Portanto, pode-se dizer que a metáfora não é meramente um recurso retórico ou um ornamento da linguagem, mas algo que permeia todas as formas de discurso e de expressão e assume uma posição privilegiada no desenvolvimento contínuo dos processos significantes, pois funciona como uma operação de transferência de predicados entre símbolos cujo resultante aponta para o crescimento semiótico, isto é, para a emergência de novos signos.

2.3. Metáfora conceptual

Apesar da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) datar das últimas décadas do século XX, o estudo das metáforas não é algo recente e origina desde a antiguidade, onde podemos apontar Aristóteles como um dos primeiros estudiosos a pensar sobre a metáfora. Para o filósofo grego, a metáfora era vista como um ornamento retórico, um fenômeno linguístico criado conscientemente para embelezar o discurso. Essa compreensão da metáfora como figura de linguagem tornou-se dominante, sendo por muito tempo o único modelo de estudo sobre o tema e persistindo até hoje.

Entretanto, é na década de 1970 que alguns estudiosos começaram a perceber que a metáfora não se encontra apenas em textos poéticos, mas, também, está presente em expressões cotidianas, em discurso políticos e até mesmo em textos científicos.

Com a publicação da obra *Metáforas da Vida Cotidiana*, de George Lakoff e Mark Johnson, marca-se o início da TMC. Neste livro, os autores afastam-se dos conceitos tradicionais de metáfora – como figura de linguagem – e a apontam como parte indispensável do pensamento e comportamento dando, assim, um novo impulso aos estudos sobre a metáfora. Assunção e Sperandio (2011, p. 510), afirmam que o lançamento desse livro “produz uma revolução nos

estudos sobre metáfora, por assumir como tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento”. Já Kovecses (2005) nos lembra que os autores americanos não foram os primeiros a afirmar isso, mas foram os primeiros a fazê-lo de maneira sistemática, generalizável e experimental.

A metáfora, na visão conceptual, não é uma expressão linguística. É uma operação mental. Porém, por ser uma operação mental, como podemos estudar as metáforas conceptuais? Como elas podem ser verificadas? As metáforas conceptuais são representações mentais, abstratas, e um dos meios pelas quais elas tomam forma é através de expressões linguísticas. Assim, o estudo das metáforas pode ser feito através da análise de expressões linguísticas que as veiculam. Essas expressões, chamadas de expressões metafóricas, não são a metáfora conceptual em si, mas sim, a manifestação do pensamento metafórico.

A partir do ensaio “*The conduit metaphor*”, em que Michael Reddy (1979) analisa enunciados linguísticos, a fim de mostrar como falantes de língua inglesa sinalizam de forma metafórica o conceito de comunicação, Lakoff e Johnson concluem que há um sistema metafórico que subjaz à linguagem, exercendo influência tanto em nossas ações, como em nosso pensamento, ou seja “a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras [...] os processos do pensamento são em grande parte metafóricos” (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 48)

Para os teóricos cognitivistas, agimos e pensamos de maneira mais ou menos automática ou inconsciente sem ter plena consciência do nosso sistema conceptual, dessa forma, adotam a linguagem como meio para descobrir o modo que conceptualizamos as coisas pois “as metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual” (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 48)

Kovecses (2000), corrobora o argumento e explica que apesar de não ser possível observar diretamente a mente, é possível estudar as metáforas através da linguagem - uma de suas manifestações mais complexas, elaboradas e extensas, isto é, pela linguagem pode-se acessar ao modo como a mente trabalha. A linguagem é vista como um instrumento confiável na identificação de padrões conceptuais que podem dar pistas sobre o que acontece na mente.

Lakoff e Johnson defendem que a metáfora é uma operação mental básica, através da qual entendemos o mundo. Assim, ampliam o conceito de metáfora, geralmente vista como expressão criativa e poética, atribuindo à metáfora o status de fenômeno intrínseco ao pensamento, que

pode ser manifesto em expressões linguísticas. Para os autores elas não apenas estruturam o que percebemos, mas também a maneira como agimos e nos relacionamos com o mundo.

[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45)

Para a TMC, os conceitos são definidos com base na percepção humana das interações dos indivíduos com o ambiente, objetos e outros indivíduos e não em termos de suas propriedades intrínsecas. Passa-se, então, a pensar na metáfora como metáfora conceitual: uma intervenção cognitiva fundamental que estrutura o pensamento e ação, assim, nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não se pensa, mas também se age, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Segundo Lakoff e Johnson, a metáfora conceitual permite “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.” (2002 [1980], p. 48), desse modo um domínio conceitual não estruturado é entendido ao se recorrer a um outro domínio já conhecido a partir da nossa experiência. Esse movimento é unilateral, de tal forma que compreendemos o domínio-alvo em termos do domínio-fonte. O domínio-fonte, abrange o conhecimento já existente, aquilo já conhecemos e entendemos, enquanto o domínio-alvo, é o novo, o que se quer compreender e conhecer.

Metaphors are ubiquitous in natural language and sub-serve a variety of cognitive, affective, and social functions in communication: They can be used to efficiently represent and communicate about abstract topics, establish common ground between speakers, and allow people to leverage their structured knowledge of a source domain to organize how they understand and reason about the target domain in question (FLUSBERG, MATLOCK & THIBODEAU, 2017, p. 2)

Por exemplo, o AMOR É UMA VIAGEM é uma metáfora conceitual que apresenta o amor e nos permite compreender o amor como uma viagem, ou seja, parte-se do domínio-fonte, que seria o conhecimento adquirido, viagem, e volta-se para o domínio-alvo, o amor. Estes domínios são resultados de metáforas conceituais. Pode-se ver como a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM emerge na linguagem, nas seguintes expressões:

Veja a que ponto nós chegamos.
 Agora não podemos voltar atrás.
 Nós estamos numa encruzilhada.
 Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum.

Outro exemplo utilizado pelos autores para ilustrar esse procedimento é a metáfora: DISCUSSÃO É GUERRA, subjacente nas expressões:

Seus argumentos são indefensáveis
 Suas críticas foram direto ao alvo
 Jamais ganhei uma discussão com ele
 Ele derrubou todos os meus argumentos

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), não apenas falamos sobre discussão em termos de guerra, mas vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário e também é possível considerar que ganhamos ou perdemos uma discussão. Além disso, ataca-se a posição do outro enquanto se defende a própria, ganhando ou perdendo terreno. Estratégias são planejadas e usadas deliberadamente. Se achamos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e colocar-nos numa linha de ataque. Aqui, o conceito de guerra fornece subsídios para a compreensão do conceito de discussão, ou seja, domínio-fonte guerra é utilizado para o domínio-alvo discussão. Porém, apenas alguns aspectos do domínio fonte são utilizados, outros não, justificando, assim, a unilateralidade da metáfora. Assim, para Thibodeau e Boroditsky (2011), se as metáforas rotineiramente influenciam a forma como fazemos inferências e coletamos informações sobre o que nos cerca, então, as metáforas presentes na língua podem oferecer uma janela única sobre como construímos conhecimento e raciocínio sobre questões complexas.

Lakoff e Johnson diferenciam três tipos de metáforas, que são responsáveis pela nossa estruturação da experiência:

- Metáforas estruturais: quando um conceito é estruturado metaforicamente por outro conceito. Como exemplo, temos a metáfora TEMPO É DINHEIRO, na qual, o tempo, conceito abstrato, é experienciado como sendo dinheiro, conceito

concreto, assim entende-se o tempo como sendo algo que se pode gastar, desperdiçar, investir ou poupar.

- Metáforas orientacionais: têm como base a experiência física, ou melhor, ocorrem quando é dado a um conceito não espacial uma orientação espacial. As metáforas orientacionais têm relação direta com o corpo e seu funciona no espaço físico. Como exemplos, temos FELIZ É PARA CIMA e seu o oposto, TRISTE É PARA BAIXO.
- Metáforas ontológicas: quando um conceito não físico é entendido a partir de um algo físico, ou seja, são as geradas através da experiência com objetos físicos e substâncias. Com elas entendemos eventos, atividades, emoções e ideias como entidades, substâncias, recipientes. Como exemplo temos a metáfora MENTE É UMA MÁQUINA. É possível destacar aqui a personificação como um subtipo de metáfora ontológica, em que objetos físicos são concebidos como pessoas como no exemplo INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO.

Os autores afirmam ainda que metáforas mais complexas têm raízes em metáforas mais profundas e o conceito da realidade pode ser entendido como acumulação e representação de conceitos metafóricos que, por sua vez, são compostos de camadas e estratos de vários outros conceitos metafóricos, que representam metáforas básicas.

2.3.1. Revisões da Teoria da Metáfora Conceptual

Em 2003, após mais de duas décadas da publicação original, em 1980, George Lakoff e Mark Johnson publicam uma nova edição de *Metáforas da Vida Cotidiana*, ainda sem tradução no Brasil, na qual acrescentam um posfácio em que buscam atualizar a Teoria da Metáfora Conceptual, revisando alguns pressupostos ao mesmo tempo que acrescentam outros.

Os autores iniciam este posfácio reiterando o valor do estudo original que ao dar destaque ao pensamento metafórico fez com que se repensasse ideias fundamentais sobre a mente e seu funcionamento, tendo implicações em diversas áreas desde a linguística e ciências cognitivas, até a filosofia da ciência e matemática, passando pela literatura e política (LAKOFF e JOHNSON, 2003, p.244) também pela comunicação, como pretendemos aqui.

Os autores reafirmam, também, o papel das metáforas conceptuais no dia-a-dia e sua importância para o pensamento, pois como raciocinamos metaforicamente, as metáforas

determinam o modo como percebemos e agimos. Esse mecanismo geral e normal do nosso pensamento é utilizado consciente e inconscientemente, nos permitindo fazer inferências de um domínio a partir de outro, para poder compreender aquele. Assim, diferentes metáforas provocam diferentes efeitos de sentido, como exemplo os autores mostram como o casamento pode ser entendido como uma parceria, uma jornada pela vida, um modo de crescimento para as duas pessoas ou a união delas em uma outra entidade. Essas diferentes metáforas apresentam diferentes modos de ver o casamento e assim trazem consigo diferentes expectativas e responsabilidades, e grandes diferenças nas metáforas utilizadas podem causar conflitos no casal. Do mesmo modo, o pensamento metafórico é utilizado em questões mais gerais, que afetam grandes populações, como no outro exemplo apresentado, em que um ataque militar pode ser entendido tanto como um “estupro”, uma “ameaça à segurança nacional” ou um “modo de defesa contra o terrorismo”.

Além disso, Lakoff e Johnson apontam uma série de falácias herdadas da tradição Ocidental que persistem e se mostram como desafios para a pesquisa sobre a metáfora conceptual, a saber: i) a metáfora é uma questão de palavras e não de conceitos; ii) a metáfora é baseada em similaridade; iii) todos os conceitos são literais e iv) pensamento racional não pode ser moldado pela natureza de nossos cérebros. A isso, os autores respondem mostrando como pesquisas posteriores a obra de 1980 indicam como esses quatro pontos são equivocados. Assim, apontam que a metáfora i) trata-se primeiramente de processos cognitivos e não de linguísticos; ii) que se embasa nas correlações entre domínios em nossa experiência, propiciando uma percepção de semelhanças entre domínios da metáfora. Desse modo, iii) até conceitos mais complexos e estabelecidos são entendidos e raciocinados através de múltiplas metáforas e iv) esse sistema de metáforas conceptuais é formado pela natureza comum de nossos corpos e pelo modo compartilhado pelo qual agimos e experienciamos o mundo.

Um dos principais aspectos da Teoria da Metáfora Conceptual que foi revisitado trata da metáfora utilizada para falar sobre a metáfora. Na década de 1980, a metáfora foi inicialmente entendida utilizando-se as correspondências como usado na matemática, ou seja, como um mapeamento entre dois domínios em que toma-se as características do domínio-fonte e aplica-se a um novo domínio, o domínio-alvo, como já visto aqui. Porém, segundo os autores, esta metáfora mostrou-se inadequada, pois não se aplicaria aos casos em que se cria uma entidade no domínio alvo divergindo assim do caráter criativo que a metáfora conceptual possui.

Desse modo, adotou-se um novo modo para ver a metáfora, que fosse capaz de dar conta de seu caráter criativo. Passou então a pensar a metáfora como projeção, ou seja, ela atuaria como um retroprojektor, de forma que domínio-alvo seria uma primeira imagem e a projeção metafórica seria o processo de colocar outra imagem (domínio-fonte) sobre a primeira, sobrepondo, assim, suas características àquela. Entretanto, a projeção metafórica apresentava outro problema: todas as características do domínio-fonte seriam obrigatoriamente projetadas sobre o domínio-alvo, ou seja, ocorreria a transferência de todos os predicados do domínio-fonte para o domínio-alvo e não apenas parcialmente.

Mas a imagem de projeção ainda não foi capaz de refletir a metáfora o suficiente. Assim foi necessária uma outra forma de descrever a metáfora, que ao mesmo tempo desse conta do caráter criativo da metáfora e permitisse a seleção de características a serem transferidas entre o domínios-fonte e domínio-alvo. Para solucionar essa questão optou-se por uma retomada da metáfora do mapeamento, mas dessa vez deixou-se de lado a ótica matemática e foi utilizada uma teoria neural. Baseando-se na Teoria Neural da Linguagem e na neurociência, os autores defendem que os domínios são entendidos como redes neurais e os mapeamentos são conexões neurais entre essas redes, ou seja, inferências do domínio de origem são transferidas para o domínio alvo através de links neurais e não por projeção.

Outro ponto da TMC que foi revisado no posfácio de 2003 é relativo à classificação das metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais. Os autores (Lakoff e Johnson 2003, p. 265) esclarecem que essa divisão é artificial e que todas as metáforas são estruturais e ontológicas, pois todas estruturam conceitos a partir de outros conceitos, todas são ontológicas criam entidades no domínio-alvo, enquanto muitas metáforas são orientacionais já que utilizam esquemas imagéticos orientacionais.

Por fim, os autores apresentam uma distinção entre metáfora e metonímia. A metáfora possui dois domínios: alvo e fonte, que são mapeados e, assim, o domínio-fonte fornece elementos para o domínio-alvo, ou seja, o mapeamento é múltiplo. Já na metonímia, há apenas um domínio e um mapeamento único, sendo um elemento de um domínio substituído por outro pertencente ao mesmo domínio.

Para Lakoff e Johnson (2003, p. 265), apesar das diferenças entre metáfora e metonímia, é compreensível que haja uma confusão entre elas. Para eles, em ambos os casos, há um mapeamento conceptual que se reflete em expressões linguísticas, além disso, as duas implicam

em um co-ativação neural, porém na metáfora isso se dá em dois domínios distintos, enquanto na metonímia em apenas um.

The moral is this: When distinguishing metaphor and metonymy, one must not look only at the meanings of a single linguistic expression and whether there are two domains involved. Instead, one must determine how the ex-pression is used. Do the two domains form a single, complex subject matter in use with a single mapping? If so, you have metonymy. Or, can the domains be separate in use, with a number of mappings and with one of the domains forming the subject matter (the target domain), while the other domain (the source) is the basis of significant inference and a number of linguistic expressions? If this is the case, then you have metaphor. (LAKOFF e JOHNSON, 2003, p. 266-267)

Para Gibbs (2006), apesar da TMC ter alcançado grande sucesso e popularidade no meio acadêmico, sendo adotada tanto por linguistas, como filósofos e psicólogo e, sob essa ótica, diversas pesquisas terem demonstrado que as pessoas falam metaforicamente porque elas pensam, sentem e agem metaforicamente; ainda chama a atenção o fato de que existem muitas críticas acerca de tais estudos, tanto por parte de estudiosos da própria Linguística Cognitiva, quanto por pesquisadores de outras áreas. Sendo elas possível agrupar as principais críticas em questões de três ordens, a saber, i) metodológica; ii) teórica e iii) pragmática.

A respeito da metodologia empregada, é questionado o modo como são identificadas as metáforas na linguagem cotidiana. Segundo o autor, críticos sugerem que os exemplos que são dados podem ser criados, artificiais, por isso a linguagem do dia-a-dia, refletindo uma linguagem idealizada. Discute-se a falta de um método definido para identificar as metáforas conceituais e, ainda, que as análises feitas são realizadas baseando-se na intuição do analista, que tem suas ideias ligadas a uma teoria ou hipótese que quer apoiar.

Gibbs (2006) aponta como a mais importante dentre as feitas à TMC, o questionamento que a análise do uso e estrutura da língua talvez não diga nada sobre o pensamento humano, isto é, que o fato de que se as pessoas utilizarem metáforas na linguagem, não indica, necessariamente, que elas estão pensando metaforicamente. Segundo o autor, alguns psicólogos, em particular, argumentam que a Teoria da Metáfora Conceptual faz suposições não comprovadas, apenas com base em análises linguísticas. Enquanto, por outro lado, para linguistas, especialmente os ligados à pragmática, a Teoria da Metáfora Conceptual está tão focada em dar suporte ao conhecimento metafórico presente no uso da linguagem que ignora a importância de outras informações conceituais e pragmáticas, por exemplo, como as pessoas usam e interpretam as metáforas.

Embora seja simpático a algumas das críticas acima, Gibbs (2006) nos assegura que elas não negam a premissa básica da Teoria da Metáfora conceptual, que a metáfora não é meramente uma figura de linguagem, mas é um mapeamento mental e neural específico que influencia uma boa parte de como as pessoas pensam, raciocinam e imaginam a vida cotidiana, assim pessoas de diferentes línguas e culturas ao redor do mundo falam através de metáforas e de padrões metafóricos que podem ser universais ou e particulares.

Gibbs (2006) afirma que a revolução trazida pela TMC continua, ainda que persistam debates sobre o papel desempenhado pela metáfora na linguagem; no pensamento e na cultura. Assim o autor aponta uma série de desafios específicos que os estudiosos da metáfora devem se esforçar para encontrar em suas respectivas pesquisas teóricas e empíricas: (1) tornar explícitos os objetivos teóricos que motivam seus estudos e não pressupor que os resultados de suas pesquisas se estendem às demais áreas de estudo; (2) reconhecer as limitações de seus trabalhos e, em consequência disso, estabelecer parâmetros claros de como identificar as metáforas na língua e de como deduzir a presença da sistematicidade das metáforas conceptuais subjacentes no discurso; (3) reconhecer que a diversidade da linguagem metafórica faz com que diferentes mecanismos necessitem ser utilizados para explicar a motivação e uso de diferentes tipos de metáforas na língua e que os resultados de seus estudos não podem ser generalizados para toda a teoria da metáfora, tanto na língua quanto no pensamento; (4) ser necessário criar métodos que deem conta de como as pessoas negociam que metáforas melhor caracterizam alguma ideia, emoção ou situação no dinâmico processo de conversação, ao invés de apenas se concentrar em exemplos construído; e (5) dar mais atenção à relação que existe entre metáfora e cultura, em como a cultura e as crenças de cada povo ou comunidade modelam, tanto suas experiências, quanto as metáforas conceptuais que são utilizadas por eles para descrever essas experiências.

2.4. Relações entre o signo metafórico e a metáfora conceptual

Inicialmente, nos fundamentando no pressuposto que metáfora, como signo, funciona como um mecanismo responsável pelo crescimento semiótico devido a projeção de predicados, é possível aproximarmos a teoria semiótica da teoria da metáfora conceptual, já que para esta perspectiva a metáfora age de modo a nos fazer compreender algo nos termos de outro, gerando, assim, um novo conceito. Desse modo, acreditamos que em ambas teorias, a metáfora tem uma função e modo de agir similares; e propomos uma reflexão sobre essas semelhanças, que nos

parece pode contribuir para conhecimento nessas áreas, pois tais esforços ainda são pouco explorados.

Apesar desse empenho em aproximar as duas teorias não ser comum, não é novo também. Haley, na década de 1990, já se preocupava com o que a filosofia peirceana poderia oferecer a TMC e escreve o artigo *Metaphor, mind and space: what Peirce can offer Lakoff*, onde expressa tanto seu interesse na obra dos cognitivistas, quanto alguns aspectos em comum entre as duas escolas. Haley nos lembra que outros autores já mostravam esse interesse e Hiraga e Radwanska-Willians:

A semiose é o processo criativo de formação de signos e interpretação de signos. A linguagem como um sistema de signos inclui metáforas. Assim, nossa cognição é semiótica, e vale a pena trazer os dois enfoques teóricos (semiótica e metáfora cognitiva) juntos. (HIRADA e RADWANKA-WILLIANS, 1995 apud HALEY, 1999, tradução nossa)

Essa relação entre signo; cognição e linguagem, e a importância que o primeiro tem para as últimas está presente em ambos campos, e partir daí podemos começar a ver os pontos de ligação entre a semiótica peirceana e TMC. Haley enfatiza como a metáfora é um fenômeno essencialmente conceptual e não apenas retórico, devendo ser considerada como uma relação central, que ocorre na mente e perpassa o raciocínio. Santaella ao falar do signo (e o que é a metáfora, se não um signo?!) nos diz:

...qualquer coisa que esteja presente à mente tem a natureza de um signo. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, as emoções, reações etc. Por isso mesmo, pensamentos, emoções e reações podem ser externalizados. Essa internalizações são traduções mais ou menos fiéis de signos internos para signos externos. (SANTAELLA, 2002, p. 10)

Lakoff e Johnson (2002 [1980])) entendem a metáfora como um dos mais importantes instrumentos que utilizamos para tentar compreender parcialmente o que não podemos entender em sua totalidade, isto é, nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, nossas práticas morais e nossa consciência espiritual. Para eles, esses esforços da imaginação não são destituídos de racionalidade; como se utilizam da metáfora, empregam uma racionalidade imaginativa. Já Lakoff em um dos seus livros mais recentes, *The political mind: A cognitive scientist's guide to your brain and its politics*, nos lembra que as “metáforas são estruturas mentais independentes da linguagem e pensamento metafórico é ordinário, e na maior parte inconsciente e automático”

(2008, p. 82, tradução nossa). Aqui temos novamente em evidenciado como a metáfora é fundamental à cognição e à linguagem, o que parece ser reconhecido por Peirce:

If a logician had to construct a language *de novo*... which he actually has almost to do...he would naturally say, I shall need prepositions to express the temporal relations of before, after, and at the same time with, I shall need prepositions to express the spatial relations of adjoining, containing, touching, of in range with, of near to, far from, of to the right of, to the left of, above, below, before, behind, and I shall need prepositions to express motions into and out of these situations. For the rest, I can manage with metaphors. (CP 2.290 Fn P1 p. 164 apud HALEY, 1999)

Para Haley (1999), “um terreno comum” entre as duas teorias que deve ser explorado é a influência que a experiência tem na formação de nosso sistema cognitivo. Para o autor, os cognitivistas, ao falarem sobre metáforas orientacionais, oferecem uma interessante hipótese sobre o motivo para tais metáforas permearem nossa mente: “tal orientação metafórica não é arbitrária. Eles têm uma base em nossas experiências físicas e culturais”. Haley(1999) acredita que Peirce concordaria com Lakoff e Johnson, não apenas sobre o papel fundamental da experiência corporal na formação de conceitos básicos como tempo e espaço.

After all, he remarked to lady Welby, “It appears to me that the method of designating temporal relations by their analogies with spatial relations must date from the very beginnings of speech” and then went on to explain how the first two (hypothetical) users of language might have used “hand gestures” to indicate purely mental phenomena. Peirce went on to talk about the importance of bodily movements and gestures in grounding and supplementing these primal concepts.” (HALEY, 1999, p. 426)

No entanto, Haley aponta, de um ponto de vista semiótico, que as metáforas orientacionais não são meras convenções culturais com uma explicação parcial no comportamento físico de objetos e pessoas no espaço, mas sim como que esse tipo de metáforas precipitaria de forma natural de um contínuo psicológico e/ou ontológico que a mente e a matéria dividem o mesmo lugar (HALEY, 1999, p. 437). Para o autor a diferença ocorre devido ao que chama de “idealismo objetivo de Peirce” onde a própria natureza é uma extensão ou instanciação da Mente, assim como a mente humana é outra extensão (e, portanto, inerentemente semelhante). A natureza e a mente humana obedecem às mesmas leis da Mente. Em oposição ao materialismo de Lakoff e Johnson em que nossas mentes e estruturas mentais são parcialmente configuradas por nossa experiência corporal na natureza, e parcialmente pelas convenções culturais cujos esquemas estamos obrigados a impor à natureza (HALEY, 1999, p. 437).

A dupla de cognitivistas americanos, ao falar sobre como as metáforas podem variar entre culturas diferentes e até mesmo no interior de uma, criando interpretações novas, nos apresenta um exemplo que parece mostrar a atuação da experiência colateral, como entendida pela semiótica peirceana, no funcionamento do pensamento metafórico, aproximando ainda mais as correntes. Os autores nos descrevem o caso de um aluno iraniano que compareceu a um seminário sobre metáforas que ministravam em Berkeley. Esse aluno ao escutar a expressão “solução dos meus problemas” a entendeu como “uma grande quantidade de líquido, borbulhante e fumegante contendo todos os seus problemas em processo de dissolução, ou em forma de precipitação, com catalisadores dissolvendo constantemente alguns problemas (do momento) e precipitando outros” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 240). Os autores chamam essa metáfora como vista pelo iraniano de metáfora QUÍMICA e argumentam que ela dá uma nova visão dos problemas: os problemas são coisas que não se resolvem de uma vez por todas e nunca desaparecem completamente, assim o reaparecimento do problema seria algo normal. Lakoff e Johnson atentam isso como um caso claro do poder da metáfora de criar uma realidade e não apenas de fornecer uma forma de defini-la.

Apesar de concordarmos com o pensamento dos autores, entendemos esse caso também como um exemplo do poder da experiência colateral em fornecer sentidos, que funciona, aqui, como um atalho cognitivo, estabelecendo uma relação de semelhança. Assim, sugerimos que o aluno tenha acessado sua experiência colateral de modo a compreender o que seria um problema, transferindo assim seu conhecimento químico para outras áreas, o que permitiu a construção de uma nova metáfora que nos permite compreender a vida de uma nova forma. Esse caso nos chama atenção por tratar-se de um exemplo de como uma cultura diferente pode entender diferentemente o mesmo conceito ao mostrar a ocorrência desse processo de transferência de predicados. Porém, esse processo também pode ser visto no clássico exemplo peirceano em que uma criança pergunta ao homem que a acompanha o que é um balão e ele responde “é como uma grande bolha de sabão”. Nesse exemplo, temos que o homem utiliza da metáfora como um dispositivo a fim de acessar a experiência colateral da criança deixando compreensível a ela o que é um balão.

Por fim, segundo a teoria da metáfora conceitual, algumas conceptualizações já estão metaforicamente estruturadas em nossa mente e são acessadas quando utilizamos expressões linguísticas que as manifestam, isto é, as expressões metafóricas. Tais expressões são metáforas

convencionais. As metáforas convencionais se refletem inconscientemente na nossa linguagem e estruturam o sistema conceitual ordinário de nossa cultura, sem nos darmos conta. Acreditamos que o mesmo fenômeno pode ser visto na perspectiva semiótica; para Reis (2008) a interação entre termos em metáfora transfere predicados apontando para o crescimento semiótico. Esses novos símbolos, podem se fixar permanentemente ou não, criando metáforas maduras. Ou seja, para o autor, metáforas maduras nada mais são que signos cristalizados pelo uso habitual, que tem seu significado estabelecido.

Aqui, é importante lembrar que o papel criativo da metáfora para as duas perspectivas, pois só a partir desse pressuposto podemos compreender o próximo ponto, isto é, a emergência de novas metáforas. Enquanto as metáforas convencionais (ou maduras) tem seu significado definido e conceptualizam o mundo como o conhecemos, as metáforas novas (ou criativas) atuam de modo imaginativo e inovador. São fruto da criatividade e imaginação humana, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), e podem dar novo sentido a nossa experiência, sendo “capazes de nos dar uma nova compreensão de nossa experiência. Desse modo, elas podem dar sentido novo ao nosso passado, às nossas atividades diárias, ao nosso saber e às nossas crenças” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 235). Ainda conforme a teoria cognitiva, Vereza (2007) afirma que a metáfora nova, assim como a convencional, é licenciada por metáforas conceptuais subjacentes. A autora explica que a expressão – fulano é uma mala (já convencionalizada), mas sicrano é uma mochila de náilon (VEREZA, 2007, p. 492) pode ser criada – através de desdobramentos, novos mapeamentos ou correspondências – devido à existência das metáforas A VIDA É UMA VIAGEM e DIFICULDADE É PESO. Já para os teóricos semióticos, as metáforas criativas são hipóícones cujos significados, eventualmente vagos e mal estabelecidos, fazem paralelos esclarecedores, (REIS, 2006), um recurso que nos dá condições de expressar e conhecer algo novo e ainda sem definição. Reis (2006) aponta as artes e a poesia como fontes primárias das metáforas criativas, porém o autor também nos mostra como Peirce não tratava metáforas como adereço linguístico apenas, mas como um passo no processo de amadurecimento da linguagem científica; um recurso conceptual que possibilita, mesmo que provisoriamente, possíveis modos de expressão na abordagem de seus objetos de investigação, como vemos nos trechos a seguir.

Every symbol is, in its origin, either an image of the idea signified, or a reminiscence of some individual occurrence, person or thing, connected with its meaning, or is a metaphor.

Science is continually gaining new conceptions; and every new scientific conception should receive a new word, or better, a new family of cognate words. (PEIRCE, 1931-1958, v. 2, p. 222 apud REIS, 2006),

Por fim, temos a crença de haver dois pontos em que as teorias, mais do que convergirem e concordarem se complementam. O primeiro seria o tratamento metodológico dado aos estudos metafóricos pela TMC, e o segundo a abrangência do conceito de metáfora presente nos trabalhos peirceanos.

Como já dito aqui, foi pouco trabalhado por Peirce o conceito de metáfora e mesmo para seus seguidores é rara a preocupação com uma metodologia para seu estudo. Já ao olharmos para a Teoria da Metáfora Conceptual, notamos uma preocupação desde seu início em produzir estudos que apresentassem não apenas um debate teórico, mas também um debate metodológico e empírico sobre a modo de ação e os efeitos de diferentes metáforas. Por outro lado, um olhar semioticista percebe na TMC um ponto de melhoria quanto à materialidade de seu objeto. Apesar da metáfora ser tida como estrutura mental independente de linguagem, mas que pode ser expressa pela linguagem (LAKOFF, 2008, p. 82), os estudos oriundos da TMC, quase em sua totalidade, se voltam para a linguagem verbal, escrita ou oral. Oras, se a metáfora é uma estrutura mental, ela também pode ser expressa em outros tipos signos de signos, como cores, imagens etc. Como nos mostra Merrel (2012, p. 142) ao falar dos significados metafóricos associados à bandeira estadunidense, em que a cor vermelha representa o sangue derramado pelo para a criação da nação, o branca para a pureza de seus ideais e a cor azul para lealdade. Ou no caso da bandeira brasileira, o verde representando nossas matas, o amarelo as riquezas do país e azul o céu e os rios. Acreditamos, aqui, que tais métodos possam ser melhor explorados em pesquisas futuras e utilizados promovendo, assim, novas pesquisas no campo.

Para nós a emergência de metáforas novas se dá na interação social, a partir da criação e manipulação de sentidos, assim buscaremos entender melhor como esses processos se dão na interação nas redes sociais. Para isso iremos nos apoiar, primariamente, nos conceitos do Interacionismo Simbólico como proposto por Herbet Blumer e, também, buscaremos no Pragmatismo – uma de suas bases – os instrumentos teóricos para uma compreensão da interação on-line.

3. O INTERACIONISMO SIMBÓLICO NO ESTUDO DE REDES SOCIAIS

Retomando nosso objetivo inicial de responder a pergunta “como o uso de metáforas contribui para a interação simbólica redes sociais on-line?” e já tendo esclarecido nosso entendimento de metáfora e seu papel como signo e como forma de pensar, faz-se necessário estabelecer um debate sobre o modo como as redes sociais on-line configuram-se como locais de criação, interpretação e circulação de signos e sentidos, ou seja, um lugar de interação simbólica.

Desse modo, neste capítulo, procuramos ponderar sobre a interação nas redes sociais na atualidade revisitando as premissas básicas do Interacionismo Simbólico, como propostos pelo pensador americano Herbert Blumer. A esse pilar teórico buscamos somar alguns conceitos do Pragmatismo de origem peirceana, pois acreditamos que este constitui uma das bases do primeiro, além de fornecer pistas importantes para um melhor entendimento das relações de significação no ambiente virtual.

3.1. De Peirce a Blumer: um percurso

O pragmatismo teve sua origem na segunda metade do século XIX com um grupo de pesquisa informal formado por Charles S. Peirce, Willian James Oliver Wendell Holmes Jr., Joseph Warner, Nicholas St. John Green, Chauncey Wright, John Fiske e Francis Ellingwood Abbot. Esse grupo se intitulava “O Clube Metafísico”, segundo De Waal (2007), esse nome era utilizado de forma “meio desafiadora, meio ironicamente”, pois nessa época “a metafísica era considerada fora de moda”.

Após alguns meses, o grupo se dissolveu sem deixar nenhum registro oficial. Porém, Peirce, temendo que as ideias ali discutidas fossem esquecidas, escreve dois ensaios, “A fixação das crenças” e “Como tornar as nossas ideias claras”, que apesar de não incluírem o nome “pragmatismo”, apresentam sua primeira versão (HAUSMAN apud SANTAELLA, 2010). Nesta obra, Peirce nos apresenta o que seria considerada a máxima pragmática:

Considere quais efeitos, que possivelmente podem ter aspectos práticos, imaginamos existir no objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o conjunto da nossa concepção do objeto. (W3 266 apud SANTAELLA, 2010)

Para Pozzoli (2016), este trecho é um marco na história do Pragmatismo e a partir dele que irá se desenvolver o pensamento pragmático. Contudo, a autora nos lembra, Willian James foi o responsável por popularizar e pela projeção internacional do movimento, dando à teoria um novo direcionamento. Assim, temos uma primeira divisão no Pragmatismo, resumida por De Wall da seguinte maneira:

Em sua interpretação mais estreita, sustentada de maneira proeminente por Peirce, o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de qualquer conceito nada mais do que a soma de suas consequências práticas concebíveis. Desse ponto de vista, conceitos que não tenham consequências práticas concebíveis não têm significado e, se as consequências práticas concebíveis de dois conceitos são idênticas, ambos os conceitos são sinônimos. Em sua interpretação mais ampla, que começou com James, o pragmatismo não é somente uma teoria da significação, mas também e de maneira mais proeminente, uma teoria da verdade. Como os manuais de filosofia gostam de dizer, para o pragmatista uma coisa é verdadeira quando é vantajoso acreditar nela. (DE WALL, 2007, p.18)

Aqui, nos apoiaremos, principalmente, na vertente peirceana do pragmatismo, pois a consideramos mais adequada ao nosso intuito de entender os processos de significação nas redes social. Ressaltamos, ainda, que não buscaremos esgotar a discussão a seu respeito desse, mas sim, trabalharemos pontos de contato entre o pensamento peirceano e o de Blumer de modo a ancorar nossas reflexões, abrindo caminho para futuras investigações acerca do tema.

Segundo De Wall (2007), o pragmatismo foi criado como um método de determinar o significado das palavras, especialmente quando empregadas nas ciências e filosofia, ou seja, é mais um método de fazer filosofia que uma teoria filosófica, seu objetivo é determinar o sentido de um conceito abstrato a partir dos efeitos práticos que derivam de tal conceito, pois tais efeitos são o significado desse conceito. Note-se que, para Peirce, palavras e conceitos são símbolos – um tipo de signo geral que pode se fundamentar tanto em convenções sociais quanto em hábitos que emergem no processo de interação entre membros de uma comunidade.

Logo, símbolos surgem em um processo de interação social que ocorre a partir da experiência compartilhada, e que envolve estágios cognitivos que vão desde a percepção de informação relevante (ou o que Gregory Bateson [1972] chama de “uma diferença que faz diferença”), até a capacidade de representar e comunicar essas informações coletadas por meio da comunicação social, quando os símbolos se tornam os veículos de compartilhamento de crenças e guias para as condutas que naturalmente decorrem da aceitação social dessas crenças. Se a

percepção da dúvida confronta nossas crenças estabelecidas e turva nossas mentes, caberá à interação simbólica entre os membros da comunidade a produção de uma nova crença interpretativa que reconduza a mente coletiva a um novo estado de crença, recuperando a clareza perdida quando a dúvida surgiu. Esse processo evolutivo, que permite aos símbolos crescerem e se desenvolverem por meio da interação social, só é possível porque símbolos incluem necessariamente dois outros tipos de signos: ícones e índices. No interior dos símbolos, os ícones são responsáveis pela compreensão da realidade, e são chamados “metáforas” – e operam por similaridade. Por sua vez, os índices são responsáveis pela extensão da realidade, e são chamados “sintomas” – e operam por contiguidade. É por isso que um emoji, por exemplo, pode comunicar, metaforicamente, o estado emocional de um usuário das redes sociais, desde que ele seja publicado no espaço cibernético onde se localiza o perfil desse usuário, criando uma relação de contiguidade indicial, ou sintomática.

De fato, sendo o objetivo da máxima pragmática o alcance do maior grau de clareza possível das ideias, uma ideia clara pressupõe a mudança de um estado de dúvida para um estado de crença, Segundo Peirce:

A dúvida é um estado desagradável e incômodo, de que lutamos por libertar-nos e passar ao estado de crença; este é um estado de tranquilidade e satisfação que não desejamos evitar ou transformar na crença em algo diverso. Pelo contrário, apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crer no que cremos. (PEIRCE, 1975, p. 77)

Para o Peirce, a crença e a dúvida são estados mentais que se relacionam; a crença é o estado mental que determina uma regra de ação e se fixa no hábito. Já a dúvida é o estado que de alguma forma nos move à inquirição, isto é, nos move em direção a uma nova crença. Conforme o autor, tanto a dúvida quanto a crença levam ação: a primeira porque, ao criar um desconforto, nos mobiliza a fim de estabelecer uma nova crença e ser superada; e a segunda, porque é parte indispensável da conduta humana, sem ela não saberíamos como nos comportar nas várias situações (cf. CP 5.373). O objetivo maior da inquirição é a aquisição de uma crença e o abandono da dúvida, de modo que seja adquirido um hábito que molde a nossa conduta e a partir do qual possamos agir em situações futuras, assim, o hábito é caracterizado como a fixação da crença. Para Peirce (CP 5.370-71.), a crença é o que guia nossos objetivos e molda como agimos, sua essência é o estabelecimento de um hábito e diferem modos de ação a que dão origem (CP 5.398).

A crença alcançada não é necessariamente verdadeira, bastando que nos satisfaça, ou nas palavras de De Wall (2017, p 32) o propósito da inquirição é “alcançar a crença ou estabelecimento da opinião de alguém”. Ainda, para De Wall:

Se o único propósito da inquirição é estabelecer a crença, e se a crença é um hábito ou uma disposição a agir, então a significação de uma palavra, sentença ou sinal rodoviário deve naturalmente ser entendida em termos de hábitos ligados a eles; quer dizer em termos de como eles nos levam a agir. (DE WALL, 2007, P 39)

Por essa ótica, podemos entender o método pragmático como um critério para determinar o significado de um conceito, a partir da fixação da crença pelo hábito. O significado de algo é, assim, produto da relação conceito e hábito. Ou ainda, nas palavras de Peirce “o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos envolvem” (EP 1.131 apud DE WALL, 2007).

Apesar de Blumer não apreciar completamente a importância do pragmatismo de Peirce e este não ser reconhecido diretamente na história do Interacionismo Simbólico (BAKER, 2005, p. 76), acreditamos que os conceitos de dúvida, crença e hábito, conforme expostos acima, se relacionam com as premissas do Interacionismo Simbólico, desse modo, a próxima seção é voltada à essa corrente teórica e a sua relação como o pragmatismo peirceano e em seguida apresentaremos nossa discussão sobre as possibilidades de uso da teoria no estudo das redes sociais on-line.

3.2. O Interacionismo Simbólico: alguns conceitos

O termo “Interacionismo Simbólico” foi criado por Herbert Blumer, em meados da década de 1937, a fim de nomear uma nova perspectiva de estudo da sociedade que fosse baseada em um modelo de comunicação interacional. Essa perspectiva, inicialmente, elaborada por George H. Mead teve em Blumer a figura responsável por sua continuidade e divulgação. Tanto Mead, quanto Blumer fazem parte de uma tradição sociológica conhecida como Escola de Chicago, que se desenvolveu entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX.

Segundo, França e Simões (2014, p. 138), nesse período, Chicago passava por um momento de grande crescimento urbano e populacional, atraindo imigrantes estrangeiros e migrantes de outras regiões dos EUA e se firmando como uma das maiores cidades do país. Esse crescimento, não impulsionou apenas o desenvolvimento industrial da cidade, mas, também,

incentivou a vida artística, cultural e intelectual. Nesse cenário, marcado pela diversidade de grupos e estrangeiros, nasce a Escola de Chicago, que se configura como uma sociologia urbana que busca pensar sobre os grupos da cidade e nas relações que ali se configuram. Para Bueno (2015), essa Escola além de ser pioneira no olhar para a comunicação interpessoal, ao considerar o indivíduo como sujeito ativo no processo comunicacional, foi “precursora na defesa do papel crucial das novas tecnologias como motor de mudança na forma de nos organizarmos” (idem, p. 58).

Para as autoras, o pragmatismo aparece como um grande alicerce teórico para a Escola, pois que suas contribuições são, então, deslocadas da filosofia para as ciências sociais, principalmente, por John Dewey e George H. Mead. Desse modo, a noção de experiência é tida como central e entendida como o resultado da interação entre os indivíduos e o ambiente que o cerca.

Este é lugar importante de convergência para do Interacionismo Simbólico com o Pragmatismo, pois os indivíduos se constituem pela ação. Sendo a linguagem parte constituinte do mundo social devido sua ação socializadora e no reconhecimento dos universos sociais nos quais os indivíduos e seus agrupamentos são formados. E que a relação dos sujeitos com os objetos deve ser percebida no processo de interação, já que esses objetos pressupõem práticas sociais significativas. E, ainda, que a produção de um universo social carregado de sentido, constitui-se por um processo de construção de “objetos” que possam ser reconhecidos pelo grupo por meio da interação social. Temos que a capacidade de produção de objetos dotados de sentido depende da capacidade de produção e de interpretação desses significados; da capacidade do indivíduo de estabelecer os limites dessas coisas, ou seja, definir os significados dos conceitos de forma clara.

O Interacionismo simbólico defende a hipótese de que os 'universos' acessíveis aos seres humanos e seus grupos compõem-se de 'objetos', e que estes são o produto da interação simbólica. Entende-se por objeto tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido – uma nuvem, um livro, uma legislatura, um banqueiro, uma doutrina religiosa, um fantasma etc. Para nossa maior conveniência, podemos classificar os objetos em três categorias: (a) objetos físicos, como cadeiras, árvores ou bicicletas; (b) objetos sociais, como estudantes, padres, o presidente, a mãe ou um amigo e (c) objetos abstratos, como princípios morais, doutrinas filosóficas ou conceitos tais como justiça, exploração ou compaixão. (BLUMER In: MORTENSEN, 1980, p.127)

Também, é central para essa tradição, a noção de comunicação, pois os agrupamentos humanos existem em ação e a interação determina essas ações, ou seja, o modo de ação de um indivíduo causa reações em seu interlocutor, que por sua vez, embasam o comportamento do primeiro.

“O processo comunicativo é visto como uma interação ou troca simbólica, realizada através da linguagem, por ações e reciprocamente referenciadas de sujeitos que têm consciência dos sujeitos e da sociedade que edificam.” (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p. 143)

Blumer busca em Mead o conceito de interação social, no qual identifica duas formas de interação: a não-simbólica e a simbólica. “A interação não-simbólica ocorre quando se reage diretamente a ação de outra pessoa sem interpretá-la; a interação simbólica refere-se à interpretação do ato” (BLUMER, 1980, p. 125). A interação simbólica é a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não pela ação direta do indivíduo, e sim pela interpretação a partir dos significados atribuídos a esse processo. Tais significados são construídos na interação social a partir da comunicação e, assim, são um elemento-chave para entender os processos de interação. Ou seja, o paradigma interacionista consiste no entendimento do homem como um ser ativo, que se orienta a partir das interpretações que ele afiança a si mesmos e aos objetos que o cercam por meio da experiência social vivida, dessa maneira, para Littlejohn (1988, p. 68) é básica no pensamento de Mead a noção de que o homem é um ator, não um reator.

Assim, a comunicação é vista como instrumento de criação da realidade através de um processo dinâmico e interativo, logo, não se pode estudar ou entender as associações humanas fora do contexto comunicativo. Blumer aponta três premissas básicas do Interacionismo Simbólico:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. [...] A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que mantem com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizados pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1980, p. 119)

Ou seja, o indivíduo age diante de situações e de outras pessoas de diferentes formas devido ao significado dado a essas coisas e pessoas; esse significado é construído a partir das interações sociais e pode se manter ou ser alterado mediante um processo interpretativo próprio ao indivíduo. É importante ressaltar que esse processo de interpretação pelo qual os significados são formados e manipulados é contínuo, circular e dinâmico.

Bueno (2015, p.61) nos lembra que, para Mead, quando uma ideia é partilhada entre indivíduos e isso promove uma mudança no modo de agir e reagir tem-se, então, um “símbolo significante”. Assim, continua a autora, a base do significado só pode ser encontrada na conduta social, que se constitui por símbolos significantes. Portanto, a interação simbólica se caracteriza como a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não por uma ação direta do outro, mas substancialmente por meio da interpretação dessas ações a partir do significado que lhes foram dados. “O Interacionismo Simbólico considera os significados produtos sociais. Criações elaboradas em e através de atividades humanas determinantes em seu processo interativo” (BLUMER, 1980, p. 121).

Em síntese, para o Interacionismo Simbólico, os significados não são próprios dos objetos e nem resultam de elementos psicológicos do indivíduo, mas emergem a partir do processo de interação social e as ações operam a fim de definir os objetos. Em vista disso, o Interacionismo Simbólico vê o significado como um produto social, criado na e por meio da linguagem e da comunicação. Dessa maneira, entendemos que o Pragmatismo, principalmente ao considerarmos os conceitos de crença hábito e dúvida, se relaciona ao Interacionismo Simbólico, especialmente no que toca as suas premissas básicas, de modo a sustentar nossa intenção de compreender como se dão os processos de significação nas redes sociais.

Antes de iniciar a discussão a respeito de como se dá a interação no ambiente virtual, achamos necessário chamar a atenção para o pensamento da Escola de Palo Alto e, mais especificamente, para os conceitos de comunicação; dupla afetação e sistemas. Os dois primeiros podem ser considerados como uma “herança da Escola de Chicago... apesar de não ser citada” pelos pensadores de Palo Alto (LANA, 2008) e o último proveniente das ciências duras. A chamada Escola de Palo Alto, ou colégio invisível, é formada por pesquisadores de origem antropológica e psiquiátrica. França e Simões (2014) apontam como figura central desse grupo o antropólogo Gregory Bateson. Para Lana (2008) seu intuito é articular o individual e o social, e a comunicação é vista como prática definidora de aspectos físicos, intrapessoais, interpessoais e

culturais dos acontecimentos. A comunicação é vista como um processo de interação na qual significados são produzidos e compartilhados (FRANÇA e SIMÕES, 2014). Ou seja, a comunicação é fundamentalmente interacional e os significados são determinados a partir das relações estabelecidas entre os interlocutores.

Partindo dessa noção interativa dos processos comunicativos, enquanto na Escola de Chicago, para Mead, os significados são formados no movimento de reação e de ajuste dos gestos dos interlocutores, formando assim uma cadeia de gestos significantes. E essa significação é dada pela consciência dessa reflexividade entre gestos e estímulos, o encadeamento de gestos significantes, em que não há adição psíquica em sua definição. Para Bateson, em Palo Alto, o processo comunicativo é definido por um processo contínuo e dinâmico de registro e emissão de sinais, portanto, toda operação de comunicação comporta um aprendizado permanente de acordos e de negociações. Segundo Lana (2008), a reflexividade de Mead, vista na capacidade dos interlocutores de se projetarem diante do outro, ecoa na formulação do processo comunicativo na obra de Bateson, que se fundamenta na leitura de um processo ativo de ajuste de ações e gestos entre os interlocutores.

A Teoria dos Sistemas e da Cibernética foi desenvolvida, na segunda metade do século XX, devido à necessidade de se compreender sistemas como um todo, não apenas pelo estudo de suas partes, independentemente de sua natureza, assim, buscou-se criar princípios que atendessem essa demanda. Para Centeno (2009), a teoria de Bateson sobre a interação entre os indivíduos e destes com o ambiente foi desenvolvida a esta luz, fazendo com que a organização dos diferentes componentes de um sistema social fosse entendida como regulada por leis que resultam de premissas baseadas em experiências anteriores e da influência que o ambiente exerce sobre o sistema.

Resumidamente, um sistema pode ser definido como um conjunto de elementos e suas relações formando um todo organizado. Assim, um sistema não é somente a soma dos elementos, tendo características próprias, diferentes das dos elementos isolados. Os elementos são interdependentes, o que faz com que uma alteração em um provoque uma alteração nos demais. O funcionamento de um sistema é garantido por um fluxo de energia ou de informação entre os elementos e por uma estrutura que os limita e separa do ambiente. A teoria faz a distinção entre dois tipos de sistemas: abertos e fechados. Estes não admitem um fluxo de energia ou informação como o ambiente, não permitindo a alteração de seus elementos. Já o sistema aberto é marcado

pelo oposto, isto é, há a possibilidade de trocas de energias e/ou informação com o ambiente, como é possível a alteração de seus elementos.

Bateson entende a comunicação como um sistema apresentando, assim, as principais propriedades dos sistemas abertos. A **globalidade** ou **totalidade**, esta propriedade se relaciona com o modo que uma alteração em um elemento afetará os demais elementos e no sistema todo. A **retroalimentação** ou **retroação** (ou ainda, *feedback*), relacionada a dinâmica interacional e a circularidade do sistema. A **equifinidade**, que determina o estado constante dos sistemas abertos, isto é, ele se mantém na sua composição, independentemente dos processos de troca.

3.3. A Interação simbólica on-line

Com a emergência da Internet e sua popularização, constituiu-se o ciberespaço, entendido aqui segundo Lévy (1999), como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Desse modo, temos uma nova forma de comunicação complexa e descentralizada, em que “quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal” (LÉVY, 1998), onde se permite a busca da informação desejada sem depender das mídias tradicionais, como a TV, o jornal e o rádio. Assim, já é possível afirmar que a Internet e o ciberespaço constituem locais importantes de construção e circulação de sentidos.

O ciberespaço tem sido um lugar em que surgem novas formas de sociabilidade e de interação entre os indivíduos da sociedade, criando laços entre as pessoas e, conseqüentemente, uma comunidade, agora virtual e organizada em forma de redes sociais virtuais. Para Castells (2003, p. 48), essas redes se caracterizam por sua formação autônoma, onde qualquer indivíduo pode encontrar sua destinação e por permitir uma comunicação livre, horizontal que “sintetiza a prática da livre expressão global, em uma era de conglomerados de mídias e burocracias governamentais censoras”.

Segundo o autor, a Internet se tornou essencial para a comunicação e organização das sociedades contemporâneas, sendo óbvio que o processo político e os movimentos sociais a utilizem (idem). Atualmente, tanto para políticos, quanto para os movimentos sociais e/ou pessoas comuns, as redes sociais são um canal de comunicação, direto, horizontal, com certa liberdade e acessível economicamente, promovendo, desse modo, que cada indivíduo se expresse. Além disso, as redes sociais permitem uma intensificação de interconexões entre os atores na

sociedade, o que pode contribuir para sua melhoria, pois como ressalta Lévy (1998, p. 41) “quanto mais um regime político, uma cultura, uma forma econômica ou um estilo de organização tem afinidades com a intensificação das interconexões, melhor ele sobreviverá e resplandecerá no ambiente contemporâneo”. Para Braga (2006) o processo de interação social que ocorre no interior dos ambientes proporcionados pela internet é recente. No entanto, parte das estratégias individuais e grupais não herdadas, são adquiridas por apropriação e adaptação a regras já estabelecidas no mundo real. De acordo com o autor, essas estratégias são aplicadas caso a caso, que se consolidará na sedimentação de uma cultura da atividade on-line.

3.3.1. Redes sociais on-line

Apesar de serem comumente tidas sinônimos redes sociais e sites de redes sociais, não o são. O que chamamos de rede social não é um fenômeno recente, de uma era digital e criado por sites de relacionamento, sua existência precede a internet ou a mediação eletrônica. Redes sociais são formadas por pessoas em uma comunidade, com algum tipo de relação ou interesse mútuo, são criadas por atores sociais para e por suas práticas sociais, ou seja, são formadas a partir de dois elementos: atores sociais e suas conexões. Em que os atores sociais são as pessoas envolvidas e presentes nas redes sociais e as conexões “são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 30).

Para Recuero:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24).

Já redes sociais on-line ou sites de redes sociais são plataformas digitais utilizadas para a conexão e interação dos atores sociais, porém, os atores que se relacionam nas redes digitais não necessariamente se relacionam em meios não-virtuais – e vice-versa. Segundo Recuero (2009), os atores podem ser representados por perfis nos sites de redes sociais, e um ator não é, essencialmente, uma única pessoa; nem uma pessoa é, essencialmente, um único ator, podendo um ator ser representado por um perfil em uma rede social, mas ser gerenciado por diversos atores e pessoas. De maneira inversa, uma pessoa mais de um ator, ao utilizar diversos perfis no mesmo site ou em diversos sites. E ainda, no caso do *Facebook*, pode ter um ou mais perfis pessoais, um ou mais perfis *fake*, uma ou mais *fanpages*.

Assim os atores sociais nos sites de redes sociais formam um grupo heterogêneo que, a partir das possibilidades disponibilizadas pelas plataformas, se organizam de forma mais ou menos homogênea, por afinidades, proximidade geográfica, interesses comuns etc... Ou seja, segmentam-se, porém ao fazer de diferentes segmentos se encontram em locais diversos e expostos a múltiplas interações.

Polivanov (2014a, p.33) aponta que

os sites de redes têm crescido exponencialmente, não só em termos quantitativos (cada vez mais usuários e mais sites com públicos-alvo e finalidades diversos), mas também em termos, por assim dizer, qualitativos, no sentido de que eles têm incorporado novas e variadas funções, como jogos on-line, quizzes, ferramentas para mostrar aprovação ou não de certo conteúdo (o famoso botão “curtir” do *Facebook*, apropriado posteriormente pelo *LinkedIn*, por exemplo), entre tantas outras. Seja para criar e/ou manter contatos profissionais, seja para compartilhar fotos com os amigos ou para divulgar um evento, entre inúmeras outras funções que os SRSs possuem, fato é que eles se tornaram um dos grandes centros das atenções da alta modernidade, seja no âmbito acadêmico, mercadológico, político ou social.

Dessa forma, é importante destacar, temos que as redes sociais on-line conseguiram agregar um número significativo de pessoas em um ambiente de lógicas e dinâmicas próprias e, que essas redes configuram um terreno disputado, pois é um espaço privilegiado, como afirma Castells (2003, p. 114), “para atuar, informar, recrutar organizar, dominar e contra dominar”. Além disso, ressaltamos que apesar da aparente liberdade de expressão e conteúdos nas redes sociais, o acesso a esse conteúdo é, muitas vezes, filtrado e limitado. Essa limitação pode ocorrer devido a diversos fatores que vão desde questões socioeconômicas a questões técnicas como limitação da banda de Internet ou ainda a filtros algorítmicos presentes nas redes sociais que mediam e organizam os conteúdos. Entretanto, as redes sociais ainda nos parecem um ambiente que permite aos usuários produzirem com certo nível de liberdade criativa, em que os indivíduos se apropriam e circulam de conteúdo, reforçando e manipulando seus significados.

Movimentos de ordem político-social, como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street, utilizaram, principalmente, as redes sociais para organizar e elaborar formas de engajamento popular. E da mesma forma, as manifestações populares ocorridas em junho de 2013, no Brasil, se fortaleceram e conseguiram aglutinar multidões em torno de sua causa. Após essas manifestações, governos municipais, estaduais e federal se viram obrigados a responder, de alguma forma, às exigências dos manifestantes. Exigências essas, discutidas e materializadas no

ciberespaço, mostrando como as redes sociais podem ser um espaço de discussão e mobilização política devido à sua facilidade de uso e sua agilidade na troca de informações. Santaella (2016, p.72) afirma que as redes sociais, “mais do que favorecer a circulação, abrem espaço para a formação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas, instaurando uma cultura colaborativa, em que todos participam, e que evolui conforme a necessidade e exigência de seus membros”.

Desse modo, entendemos o Interacionismo Simbólico como um conjunto teórico adequado para o estudo das relações na internet, posto que essa teoria parte do pressuposto que uma comunidade é formada por indivíduos que agem conforme os significados construídos na interação social e dados aos atos, fatos e coisas. Se em seu início – em um contexto urbano que permitiu o contato de diferentes culturas e modos de ver o mundo, como dito anteriormente – os interacionistas voltaram suas pesquisas essencialmente para as interpelações face a face, agora, em um momento em que as possibilidades de contato se potencializam devido surgimento da cibercultura, é possível dizer que o Interacionismo Simbólico obtém um novo ponto de interesse e uma nova força. Se antes a cidade e as interações que possibilitava era o ponto de partida para a pesquisa, agora a Internet e as tecnologias digitais se firmam como tal. Ressaltamos, aqui, nossa crença que uma renovação da perspectiva interacionista se faz necessária, pois temas centrais do debate contemporâneo; autores e teorias atuais que estudam o ciberespaço acabam muitas vezes abordando discussões sobre os processos interativos. Temos um exemplo em Lèvy (1995), que, falar sobre a interação por meio de canais digitais, afirma: “Longe de se adequarem apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginação, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos (1995, p. 16).

Em nosso entendimento, reforça-se, cada vez mais, a ideia de ciberespaço como um espaço não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo e criativo, o que o constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LEVY, 1998). Assim, temos que a produção e circulação de conteúdo, aliadas às particularidades técnicas disponibilizadas, no e pelo ambiente, podem oferecer condições para a emergência de certos comportamentos sociais entre os indivíduos. Ao mesmo tempo em que estes indivíduos se utilizam dessas condições para a formação de novos cenários de interação, em que são negociados novos significados. Tais

suposições vão ao encontro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social.

Propomos, então, que os objetos – discursos, imagens, etc. – circulados entre os usuários de redes sociais podem ser interpretados como produtos sociais formados e transformados através de um processo de (res) significação constante, ocorrido a partir das interações sociais on-line. Sugerimos que isto ocorreria também no ambiente de compartilhamento de conteúdo do Facebook e em sua ferramenta de comentários, pois, como diz Blumer (1969) a respeito da natureza da ação humana, o indivíduo se confronta com um ambiente no qual deve interpretar a fim de agir e programar linhas de ação a partir de suas interpretações.

3.3.1.1. A interação no *Facebook*

O *Facebook* é um site de redes social que permite a interação entre atores sociais, que se dá por meio da criação, construção e atualização de perfis, atualização de atividades e publicação de mensagens (textuais e audiovisuais). Segundo Polivanov (2014a, p. 15), o *Facebook* é um website gratuito, que tem sua receita proveniente de publicidade, que tem como finalidades principal permitir e promover a comunicação virtual entre pessoas que pessoas se comuniquem virtualmente através de mensagens públicas ou privadas e que publiquem imagens, textos e vídeos de seu interesse.

O site oferece ao usuário dois tipos de perfis para gerenciar: perfis pessoais e páginas, cada qual com operacionalidades diferentes. No primeiro caso, o temos os perfis que representam pessoas físicas. Nestes, os atores sociais, costumeiramente, mantêm suas redes sociais pessoais, relacionam-se com outras pessoas, através de *chats*, interações, participação em grupos e eventos, entre outras possibilidades. No segundo caso, temos páginas que operam como páginas que representam pessoas publicadas, organizações, comunidades, empresas etc. Apesar de apresentarem estruturas semelhantes, sobretudo no sentido de estrutura das *timelines* (ou linha do tempo), perfis e páginas têm funcionalidades diferentes.

No *Facebook*, a *timeline* é o “arquivo” com as atualizações dos perfis e páginas. Atualização são as atividades visíveis de inserção de novas publicações, podendo ser textos, imagens, vídeos, compartilhamento de publicações de outros, etc... Essas atualizações podem ou não gerar interações (aprovação e desaprovação através de indicadores de emoção oferecidos pelo *Facebook* a partir de 2016 e compartilhamentos) e comentários nas publicações.

Considerando os atores sociais também como produtores é que entendemos que as atividades de indivíduos no *Facebook* incluem, não apenas a recepção, mas também, a produção organizada de conteúdo; sendo estes criados seguindo objetivos específicos e direcionados para determinados públicos, em busca de obter um maior alcance ou resposta. Resposta essa que, no *Facebook*, se configura na forma de comentários, compartilhamentos e “curtidas”.

Portanto, vemos um processo de negociação social, onde em troca do conteúdo o indivíduo busca uma reação, que é estimulado e complexificado por meio dos recursos disponibilizados no site (comentários, “curtidas” etc.). Tais recursos além de atuarem como mediadores da interação, também são apropriados e imbuídos de significados pelos usuários em um processo interpretativo constante, sendo assim necessários para o próprio site.

Além da *timeline*, também está presente no *Facebook* o *Feed* de notícias que, Segundo Pilz (2018), é o agregado de publicações disponíveis para visualização das conexões de um ator social. Enquanto a *timeline* corresponde ao que pode ser visualizado de apenas um usuário, o *feed* é o que um usuário pode ver sobre todas as suas conexões. O *feed* sendo dinâmico, muda para cada usuário de acordo com suas conexões e atividades na rede social, isso ocorre a partir de algoritmos baseados nas preferências indicadas pelos usuários do site e de suas ações como curtidas, comentários e compartilhamentos selecionam o que será exibido para cada usuário.

Saad Correa e Bertochi (2012) alertam que o “algoritmo é utilizado especialmente para ordenar elementos (dados sobre outros usuários) por critério de importância (definida pelo programador da empresa)”. Desse modo, os atores sociais tendem a receber conteúdos com os quais estão mais familiarizados ou que o software percebe como de seu interesse. Esse “filtro bolha”, como denomina Pariser (2012) provoca uma doutrinação com “as nossas próprias ideias, amplificando nosso desejo por coisas conhecidas e nos deixando alheios aos perigos ocultos no obscuro território do desconhecido” (PARISER, 2012, p. 19), tendo entre suas consequências a retroalimentação de conteúdo, que oferece uma espécie de mais do mesmo, e a disparidade nos resultados de busca em softwares para os mesmos termos. O pesquisador aponta, ainda, para outros problemas vindos da cessão de informações dos usuários de sites de redes sociais, buscadores e demais aplicações, como a vigilância e a publicidade especificamente orientada.

Contudo, Recuero (2014, p. 17) reconhece que as características dos sites de redes sociais, como o *Facebook*, possibilitam uma interação mais pública e mais coletiva. Tornando, assim, as redes sociais mais visíveis, ampliando-as, possibilitando novas formas de conexão e de circulação

de informação (RECUERO; ZAGO, 2009). Assim, acreditamos, que mesmo com a mediação realizada pelos algorítmicos, os sentidos não são dados, apenas, pelos discursos presentes e publicados por cada usuário, mas podem ser incorporados e transformados pelo modo como as respostas às ações dos outros usuários afetados se dão. Ou seja, esses conteúdos circulados são produtos sociais (re)construídos através de um processo de interação social, condicionado e formado pelas características e possibilidades técnicas próprias do ambiente. Nesse sentido, nos perfis de cada usuário do *Facebook*, os significados são construídos a partir da interpretação de cada participante, porém de forma coletiva. Consideramos, assim, que em cada publicação, pode se formar microssistemas de significação, em que cada comentário atua na formação de um significado único. Esse significado único, para nós, pode ser ancorado por meio de uma metáfora.

Dessa maneira, em nosso próximo capítulo, após apresentar nosso caso de estudo, iremos propor um esforço analítico afim de mostrar como as metáforas são utilizadas na criação e reformulação de sentidos atribuídos um acontecimento a partir de sua discussão em publicações e comentários em páginas dos envolvidos.

4. O USO DAS METÁFORAS NA INTERAÇÃO ON-LINE: UM ESTUDO DE CASO

Para realizar esta pesquisa, passamos por três etapas: levantamento bibliográfico e leitura; coleta de dados e análise do material coletado. Até este momento, nos concentramos na primeira etapa, buscando apresentar, delimitar e justificar nosso entendimento de metáfora e de como se dá a interação simbólica em ambiente on-line, desse modo partimos agora para a segunda e a terceira fase, em que exploraremos um caso que entendemos como exemplar, afim de entendê-lo melhor a luz desses conceitos.

Iniciaremos este capítulo introduzindo o caso e os atores envolvidos, seguido para a segunda seção em que será feita a apresentação da metodologia utilizada e, então, desse ponto, partimos para o encerramento do capítulo com a análise proposta.

4.1. O caso

Em 17 de abril de 2016, durante a sessão da Câmara de Deputados em que foi autorizada a instauração do processo de impeachment da presidenta Dilma Roussef, um dos episódios que mais chamou atenção foi o incidente ocorrido entre três deputados federais: após terminar de anunciar o seu voto no plenário da Câmara, Jean Wyllys (PSOL) cuspiu na direção de Jair Bolsonaro (ex-PSC, atualmente PSL), e, em resposta, o deputado Eduardo Bolsonaro (também ex PSC, atualmente PSL), também cospe em Wyllys. Em suas páginas na rede social *Facebook*, os três congressistas envolvidos se pronunciaram sobre o fato que teve grande repercussão tanto nos meios tradicionais como jornais e revistas, como nas redes sociais. É a partir das postagens em que os deputados colocam sua posição sobre o acontecimento que se inicia esse esforço analítico.

Segundo seu próprio site, Jean Wyllys “tem uma história de envolvimento com trabalhos em favor da justiça social, de uma educação para a cidadania e para a valorização da vida, e em favor das liberdades civis”. O deputado que foi eleito em dois mandatos consecutivos pelo estado do Rio de Janeiro, 2011-2014 e 2015-2018, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), também é autor de quatro livros publicados e foi apresentador e curador do programa Cinema em Outras Cores do Canal Brasil, além de ter sido ganhador da versão brasileira do *reality show* Big Brother Brasil da Rede Globo de Televisão, o que garantiu visibilidade ao ex-professor universitário. Jean Wyllys é o único deputado abertamente homossexual e tem sua carreira

política marcada pela parceria com os movimentos LGBT, negro e de mulheres. O PSOL é um partido brasileiro fundado em 2014 de espectro político de esquerda à extrema-esquerda.

Jair Bolsonaro é um militar da reserva e deputado federal, atualmente está em seu sétimo mandato na Câmara dos Deputados, eleito pelo Partido Progressista, porém transferiu-se para o Partido Socialista Cristão e mais recentemente para o Partido Social Liberal. O deputado também já fez parte seguintes partidos Partido Democrata Cristão; Partido Progressista Reformador, Partido Progressista Brasileiro, Partido Trabalhista Brasileiro e Partido da Frente Liberal. Jair Bolsonaro é conhecido por seu posicionamento político de direita em defesa da família, da soberania nacional, do direito à propriedade e dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, além de defender abertamente o regime militar instalado no Brasil em abril de 1964.

Seu filho, Eduardo Bolsonaro é advogado e deputado federal pelo estado de São Paulo, cargo em que foi eleito enquanto era filiado ao Partido Social Cristão, do qual se afastou para se filiar ao PSL. Assim como o pai, o deputado paulista se caracteriza como um político de direita e com valores tradicionais.

Jean Wyllys e Jair Bolsonaro, mesmo não sendo de partidos considerados grandes, somam mais de cinco milhões de seguidores em suas redes sociais, sendo esse número maior que o dos principais candidatos à presidência da república nas eleições de 2014. É possível elencar algumas razões para a popularidade dos parlamentares e o interesse dessa pesquisa: i) participação ativa e constante nas redes sociais e ii) plataformas claras de atuação, representando polos extremos e opostos no cenário político atual. Acredita-se que, apesar da inegável divergência política entre Wyllys e Jair Bolsonaro, ambos apresentam formas de se comunicar com seu público nas redes sociais que se mostram efetivas para seus interesses percebidos. Desse modo, a análise do debate nas redes desses parlamentares, suas diferenças e similaridades, pode trazer pistas valiosas sobre os processos de significação na interação simbólica on-line. Além disso, acreditamos que o fato ocorrido durante a sessão da Câmara constitui uma metáfora da situação política do país no atual momento de extrema tensão e polarização política, em que o enfretamento deixa o campo discursivo e parte para ações físicas devido, refletindo a situação atual.

4.2. A metodologia

Com o intuito de compreender melhor como o fato ocorrido é significado e ressignificado, a partir do uso de metáforas, na interação on-line s, a metodologia de pesquisa seguiu os seguintes procedimentos: primeiro foram selecionados os *posts* no *Facebook* que abordaram diretamente o incidente nas páginas dos deputados envolvidos e os comentários publicação. Posteriormente, foram selecionados – tantos nos textos dos parlamentares, como do público em geral – os trechos que apresentavam metáforas. Essas metáforas foram agrupadas por apresentarem características comuns que significam ou resinificam os gestos de Jean Wyllys e Eduardo Bolsonaro.

Demos preferência aos comentários tidos como principais devido ao alto número de respostas aos posts, mais de 200 mil contabilizando todos os posts. Além disso, é possível dizer que esses comentários tem a aprovação dos demais seguidores, pois apresentam um número elevado de curtidas quando comparado aos outros.

Adotamos, aqui, os procedimentos analíticos utilizados pela Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a saber: observa-se um conjunto de expressões linguísticas em busca de alguma sistematização; em seguida, identifica-se a metáfora conceptual subjacente a essa sistematização; e, por último, utiliza-se mais expressões linguísticas para confirmar a existência da metáfora (LIMA, GIBBS e FRANÇOZO, 2001).

Para representar o mapeamento das metáforas conceptuais, Lakoff e Johnson (2002) propõem as formas DOMINIO-ALVO E DOMINIO-FONTE ou DOMINIO-ALVO COMO DOMINIO-FONTE, onde as DOMINIO-ALVO é o que se pretende entender e o DOMINIO-FONTE o que já se compreende. Esta é a maneira que adotaremos para representar os mapeamentos encontrados.

A análise de cunho qualitativo, será feita à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, identificando expressões metafóricas e as metáforas por elas atualizadas, procurando, assim, encontrar a metáfora atualizada em cada post ou comentário e os mapeamentos possíveis e, também, sem perder o ponto de vista semiótico.

Neste trabalho, ao analisarmos as postagens e comentários estaremos, ao mesmo tempo, analisando um certo contexto; uma época, uma cultura, uma sociedade e sistemas de comunicação. Isso ocorre pois, tanto os posts, como os comentários estão inseridos em universos ainda maiores que lhes servem de pano de fundo para sua existência e expressão. Assim, aos

procedimentos adotados pela TMC, iremos somar uma análise baseada em princípios da semiótica peirceana, pois acreditamos que desta forma podemos fazer uma reflexão mais aprofundada sobre o caso, fornecendo à pesquisa novas camadas interpretativas.

Além disso, buscaremos mostrar como o *post* e seus comentários podem se constituir como um lugar de interação de interação, em quem os sentidos são dados e manipulados alterando e moldando como algo é percebido, criando assim realidades diferentes. Thibodeau e Boroditsky (2011) nos lembram que metáforas diferentes, mesmo que mínimas, de uma só palavra, podem mudar significativamente as representações e o raciocínio das pessoas sobre importantes domínios do mundo real, aqui procuraremos mostrar como isso ocorre em um ambiente virtual, a partir de um acontecimento real.

Esses movimentos analíticos não se pretendem estanques e presos em uma ordem própria, podendo ser realizados de mais de uma forma e ordem livres, em que iremos acionar e aplicar os conceitos conforme a necessidade daquilo que se analisa.

Antes de partir para análise, é preciso ressaltar que mesmo não tendo como intuito defender posições políticas de algum dos deputados envolvidos; de seus partidos ou, suas visões de mundo, qualquer estudo realizado por um indivíduo social pertencente ao meio do objeto estudado resultarão em análises subjetivas e, portanto longe de uma visão completamente neutra e ampla, pois, como nos lembra Severino (2002, p. 145), “a escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político” e o *corpus* examinado é resultado da interação entre indivíduos com diferentes pré-concepções que podem perceber e compreender os significados de forma diversa. Em razão disso, ressaltamos que as análises aqui apresentadas resultam de uma percepção e uma compreensão subjetivas, porém ancoradas nas evidências presentes.

4.3. Análise

Nosso estudo se inicia com a coleta de dados, assim nosso *corpus* se inicia com a postagens do dia 17 de abril de 2016 de Jean Wyllys e seus comentários, feito poucos minutos após o incidente, à qual foram somadas o conjunto de postagens e comentários de Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro, assim como outras de Wyllys. O conjunto total de postagens é sete publicações, sendo três de Jean Wyllys, uma de Jair Bolsonaro e três de Eduardo Bolsonaro, com

um total de 70 comentários analisados. As publicações se estendem pelo período de 17 de abril de 2016 até 20 de abril de 2016.

Inicialmente o que nos chama atenção, a partir de uma primeira análise dos dados levantados, é a diferença entre os *posts* de Wyllys e dos deputados Bolsonaro, enquanto o primeiro apresenta um número maior de postagens, com textos longos, explicativos e trabalhando seus argumentos de forma mais detalhada do que nas publicações de Jair e Eduardo, que além de publicarem em menor quantidade sobre o fato, trazem texto mais curtos, muitas vezes apoiados com vídeos e simplificados. Essas características são encontradas não apenas, nos posts relativos aos cuspes, mas também em geral nas *timelines* dos parlamentares, refletindo seus modos de expressão em outros contextos e o que se poderia esperar deles. Jean, um ex-professor universitário e autor de livros publicados, utiliza frequentemente uma linguagem mais rebuscada, trabalhando conceitos e ideias de modo mais esmiuçado. Por outro lado, Jair, militar reformado já mostra um linguajar mais simples e direto, sem problematizar questões. Eduardo apresenta o mesmo comportamento do pai, sendo mais claro e sem rodeios.

Essas características no modo de se comunicar não podem ser descartadas e consideradas despropositais, acreditamos, aqui, que são escolhas conscientes dos parlamentares que constituem a forma como se apresentam e representam seus eleitores e seus ideais. Enquanto por um lado temos Jean, buscando trazer um conjunto de ideias e argumentos, buscando uma pluralidade de vozes. Temos no outro lado, os deputados Bolsonaro firmes e breves, apresentando ideias concisas que unificam seus discursos em torno de um ideal claro.

Outro ponto inicial que deve ser destacado é a grande diferença entre o engajamento do público com os deputados, em que tanto o número de comentários, reações e compartilhamentos do deputado do PSOL excede enormemente o número dos demais, mesmo que somados. Acreditamos que isso dá pelo caráter dos posts, enquanto Jean deixa espaço para reflexão em seus posts, os deputados de direita, sendo mais objetivos, não o fazem, apresentando seu argumento sem espaço para discussão. Além disso, muitos dos comentários do público nos posts de Jean Wyllys são respondidos, ora agradecendo elogios e posicionamento análogos, ora rebatendo críticas e digressões, comportamento que não vemos acontecer nos comentários dos posts de Jair e Eduardo Bolsonaro. Mesmo que os comentários não sejam do parlamentar psolista e sim de sua equipe de comunicação – o que é evidenciado pela sigla ASCOM no final do texto – esse comportamento estimula e aumenta o engajamento nas publicações, já que os indivíduos

respondem a elas não apenas buscando se expressar, mas também com a esperança de ter sido notado, seja por meio de uma curtida ou de uma resposta a seu comentário. Assim, percebe-se uma maior interação nos comentários das postagens de Jean Wyllys, tanto entre o deputado (ou sua assessoria) e os demais indivíduos, como entre o público, mesmo entre atores discordantes. Ao passo que os comentários não são respondidos nas publicações de Jair e Eduardo Bolsonaro, não vê essa interação ocorrer da mesma forma, sendo os comentários mais curtos e geralmente elogiosos.

Devido ao alto número de comentário nos posts dos parlamentares, cerca de 200 mil contabilizando todos os posts, demos preferência aos comentários 10 tidos como mais relevantes, segundo indicado pelo *Facebook*. Acreditamos que é possível afirmar que esses comentários têm a aprovação dos demais seguidores do devido ao alto número de respostas e reações quando comparado aos outros.

A ferramenta do *Facebook*, como mostramos na Figura 1, que indica quais são os comentários mais relevantes faz essa seleção considerando quais são de seus amigos na rede social e quais comentários foram mais visualizados e obtiveram maior engajamento dos demais usuários na forma reações e respostas. Assim os comentários considerados de maior relevância são alocados no topo da lista de comentários, conforme a própria rede social informa. Caso um usuário queria alterar a forma como estão organizados os comentários, é possível organizá-los de forma temporal, fazendo com que comentários mais recentes ou respostas recentes sejam alocados primeiramente.

Figura 1

Fonte: Facebook

Acreditamos, primeiramente, que essa organização automática cria um efeito circular, em que os comentários chamados de mais relevantes se ganham uma relevância ainda maior ao

serem alocados no início. O algoritmo atua, assim, de modo a reforçar sentido dando assim maior visibilidade aos conteúdos concordantes dentro daquela comunidade. Entretanto essa não é relevância pode ser alterada com o passar do tempo e com a alteração do algoritmo que a dita. Aqui é interessante resgatar o trabalho realizado no início desta pesquisa.

Em *Cuspe: a metáfora que vem de dentro e o processo de significação nas redes sociais*, apresentamos uma análise inicial do caso, nele o primeiro comentário, ou seja o considerado mais relevante, no *post* de Jean Wyllys, intitulado “SOBRE O CUSPE AO FACISTA”, de 17 de abril de 2016, é de OF¹, criticando a atitude do parlamentar, seguido dos comentários de MF, RC, Xico Sá e HO². Neste trabalho, o material analisado foi pouco tempo depois da votação ocorrer em 2016 e à época, a ferramenta considerava apenas o número de reações e respostas. Agora, após nova seleção, encontramos como comentários mais relevantes, da mesma publicação seis comentários, que são de usuários que temos em nosso perfil no *Facebook*, como amigos, e apresentam um número bem menor de reações e curtidas do que os próximos comentários, que são de RC, Xico Sá, MP, DS, Leticia Sabatella, DA, RSC, Victor Dias, JB e IT.

Acreditamos que essa alteração na lista dos mais relevantes indica uma alteração na ferramenta de organização dos comentários que reforça a criação e interação de uma comunidade. Ao apresentar os comentários de usuários na lista de contatos, o *Facebook* não apenas mostra o que seus amigos comentaram, mas enfatiza a percepção pertencimento a uma comunidade com valores e interesses similares.

Além dessa alteração focada nos contatos, nota-se, nas Figuras 2 e 3, uma alteração na quantidade dos comentários e reações, ao olhar somente para a publicação de Jean Wyllys sobre citada, vemos uma diminuição no número de total de comentários, reações e compartilhamentos. Os comentários caem de 137 mil em 2016, para 133 mil em 2018, enquanto o número de compartilhamentos decresce de cerca de 125 mil para 120 mil. E as reações por sua vez diminuem de 482 para 472 mil. As demais publicações de Jean e as de Jair e Eduardo também apresentam comportamento similar, com uma pequena queda nos comentários, curtidas e compartilhamentos. Os números do post de Jean Wyllys são mais expressivos por se tratar da publicação sobre o caso com maior engajamento.

¹ Optamos por apresentar apenas as iniciais dos usuários garantindo assim sua privacidade. Em alguns casos não o fizemos por se tratarem usuários considerados pessoas públicas.

² No trabalho citado, foram escolhidos apenas os 5 comentários considerados mais relevantes.

Figura 2

Fonte: Facebook

Figura 3

Fonte: Facebook

Entre os motivos dessa diminuição podemos apontar os apagamentos realizados pelos próprios usuários de comentários contrários as posições dominantes das publicações e apagamentos realizados pelo *Facebook* devido a denúncias de ofensas e conteúdos em desalinho com as diretrizes da rede social, além de usuários que deixaram a rede social.

Retomando a discussão sobre metáforas temos já um primeiro entendimento do valor simbólico dado ao ato de cuspir. Tal ato é visto com repulsa e quando é direcionado a algo ou alguém pode ser considerado um ataque ou agressão. Assim, é possível trazer exemplos de expressões populares que reforçam a ideia de CUSPE É ATAQUE como metáfora conceptual. Essas expressões já cristalizadas na linguagem apontam o ato de cuspir como um ato de agressão a outro ou a si mesmo:

1. *Cuspir fogo*
2. *Não se cospe em prato que se comeu*
3. *Cuspir para cima*

Em nosso primeiro exemplo “Cuspir fogo”, uma expressão comumente usada em português brasileiro, utilizada para se referir a alguém com raiva ou nervoso, temos o sujeito sendo comparado a uma arma de fogo, assim o que diz é entendido como forma de ataque a seu interlocutor ou a um terceiro elemento. Acreditamos aqui que este pode ser um dos exemplos mais claros do mapeamento CUSPE É ATAQUE expresso através linguagem

Já em “Não se cospe em prato que comeu” temos um ditado que versa sobre a ingratidão,

em que “cuspir” é visto como com um ato de ingratidão e desrespeito a quem ou ao que auxiliou, o “prato que se comeu”. De forma parecida, funciona a expressão “Cuspir para cima”, entretanto, aqui, temos um alvo indefinido, que acaba sendo o sujeito que será atingido pelo próprio cuspe.

Também, pode-se observar CUSPE É ATAQUE como mecanismo que fundamenta o pensamento e as ações quando uma pessoa cospe em outra como forma de mostrar hostilidade em uma luta³ ou em uma discussão como se viu no *reality show* A Fazenda, em que os participantes Andressa Urach e Mateus Verdelho, durante um desentendimento, iniciaram uma “guerra de cuspes” em um episódio do programa⁴.

Com o evidenciado acima, pode-se começar a entender, então, que o mapeamento CUSPE É ATAQUE corresponde a uma metáfora conceptual na qual se fundamentam a percepção e ação dos indivíduos.

Ao olharmos para as publicações selecionadas temos que o ato de cuspir é tido como um ataque, de modo que é possível identificar a metáfora CUSPE É ATAQUE presente nos discursos dos três parlamentares. Primeiramente vemos CUSPE É ATAQUE sendo utilizada tanto por Jair quanto por Eduardo Bolsonaro, ao se referirem ao cuspe de Wyllys. Acreditamos, entretanto que além de CUSPE É ATAQUE é possível encontrar uma ressignificação do cuspe, gerando assim a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE. Esse enquadramento, surge no momento em que são colocados os atos de Jean Wyllys e Eduardo Bolsonaro.

Desse modo, apresentaremos a seguir nossa análise das publicações e de uma seleção de comentários respondentes, buscando assim mostrar o processo de significação e ressignificação no *Facebook* a partir do uso de diferentes metáforas.

O primeiro a se pronunciar sobre o fato nas redes sociais foi o deputado psolista. Intitulado “Sobre o cuspe ao Fascista”, o post (Figura 4) apresenta uma foto de Jean Wyllys, com um cachecol vermelho, cercado por seus colegas parlamentares durante a sessão de votação do impeachment e um texto em que conta sua versão do que ocorreu. O deputado fluminense está no centro da foto e seu cachecol vermelho serve para dar destaque, a escolha dessa imagem reitera seu papel como protagonista da narrativa que cria. Esta publicação foi feita poucas horas após o

³ O lutador Caio Magalhães cuspiu em Josh Shamman, após uma luta de MMA http://espn.uol.com.br/post/526680_brasileiro-da-mau-exemplo-e-cospe-sangue-em-rival-apos-ser-derrotado-no-ufc acesso em 15/06/2016

⁴ A discussão ganhou destaque também em outros programas da emissora <http://noticias.r7.com/legendarios/fotos/guerra-de-cuspe-veja-em-detalhes-a-pior-briga-que-rolou-na-fazenda-20130828.html> acesso em 15/06/2016

fato, sendo editada duas vezes depois, nessas alterações foram corrigidos erros de grafia e pontuação. Este também é post com maior engajamento dentre os que abordaram o ocorrido, somando mais 470 mil reações, 130 mil comentários e 120 mil compartilhamentos.

Figura 4

Fonte: Facebook

Nesta publicação, Jean Wyllys afirma (Figura 5) que Jair Bolsonaro “cospe diariamente nos direitos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. Ele cospe diariamente na democracia” se referindo as posições políticas e declarações do ex-militar. E prossegue falando do comportamento de Jair na Câmara “ele usa a violência física contra seus colegas na Câmara, chamou uma deputada de vagabunda e ameaçou estuprá-la. Ele cospe o tempo todo nos direitos humanos, na liberdade e na dignidade de milhões de pessoas”. Assim, aqui nota-se o uso figurado da metáfora conceptual CUSPE É ATAQUE do que nos exemplos anteriores, mais literais e diretos que se limitam a pensar o cuspe apenas nos termos físicos.

Figura 5

Fonte: Facebook

Além de ser o primeiro a falar sobre o caso, Jean Wyllys também é o primeiro a fazer um esforço para a ressignificação de seu ato, assim Jean Wyllys adota uma nova metáfora: CUSPE É CONTRA-ATAQUE.

Em “o deputado fascista viúva da ditadura me insultou, gritando "veado", "queima-rosca", "boiola" e outras ofensas homofóbicas e tentou agarrar meu braço violentamente na saída. Eu reagi cuspendo no fascista”, é possível observar um deslocamento do sentido de “cuspe”, não mais visto como ataque, mas sim como contra-ataque. Jean Wyllys justifica seu cuspe como uma resposta ao suposto comportamento agressivo de Jair Bolsonaro, em que o “deputado fascista viúva da ditadura” teria agredido verbalmente. Jean Wyllys reforça seu argumento quando diz

não se envergonhar do que fez e que o seu ato foi o “**mínimo que merece um deputado** que “dedica” seu voto a favor do golpe ao torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército durante a ditadura militar” (grifo nosso).

Apesar de CUSPE É CONTRA-ATAQUE ser manifestada, primeiramente, quando o deputado Jean Wyllys se refere ao cuspe que direcionou a Jair Bolsonaro – como um ato de reação aos ataques verbais sofridos – Eduardo Bolsonaro também faz uso dessa metáfora quando fala de seu cuspe em Jean, como veremos mais adiante.

Figura 6

Fonte: Facebook

Em 18 de abril, dia seguinte à sessão de votação, temos a primeira publicação de Eduardo Bolsonaro (Figura 7 sobre o ocorrido intitulado “Eduardo Bolsonaro comentar caso de cuspe de Jean Wyllys” (sic). Com cerca de 115 mil reações, 105 mil compartilhamentos e 18 comentários no post, o deputado paulista compartilha um vídeo em que dá a sua versão do que ocorreu durante a votação. O vídeo começa com uma vinheta em que vemos ao fundo uma bandeira tremulante do estado de São Paulo, uma foto de Eduardo Bolsonaro e os dizeres “Eduardo Bolsonaro, Deputado Federal por São Paulo” (Figura 7). A vinheta tem como trilha sonora forte, que remete à uma marcha militar, acreditamos que isso é devido à uma intenção de reforçar sua figura de homem firme e, ao mesmo tempo, que reforça sua ligação com o pai, militar reformado, não apenas pela música, mas, também, dando destaque maior ao seu sobrenome, porém,

lembrando a todos que é um deputado pelo representa São Paulo, apesar de ser nascido no estado do Rio Janeiro. Isso é importante para Eduardo, pois deve grande parte de sua popularidade ao pai, que com maior experiência e visibilidade pode transferir à família sua popularidade com o eleitorado conservador mesmo de outros estados.

Figura 7

Fonte: Facebook

Eduardo, sentado em uma cadeira no que parece ser seu escritório, inicia o vídeo cumprimentando o “pessoal”, a quem se dirige de forma bastante descontraída e amigável, chegando a fazer pequenos chistes sobre o resultado da votação. seguindo então para uma introdução do que irá falar no restante do vídeo: o cuspe de Jean Wyllys em seu pai. Antes de iniciar sua narrativa sobre o caso propriamente, Eduardo faz uma breve ressalva em que diferencia Jean Wyllys dos demais homossexuais, nesse recorte temos de um lado “a militância LGBT e o ativismo gay” representado por Jean Wyllys e, do outro, o homossexual “pessoa normal, que paga seus impostos” que como não tem ligação com o ativismo.

Eduardo, então, passa a ler a publicação de Jean Wyllys sobre o fato e afirma que ele se vitimiza. Eduardo prossegue dizendo que mesmo ouvindo coisas que não gostou e não concorda “não cuspi em alguém”, aqui vemos o primeiro uso da metáfora CUSPIR É ATAQUE pelo deputado de São Paulo que continua “isso não é uma conduta de parlamentar e, Graças a Deus, tudo foi filmado”, reiterando assim a metáfora do ataque. O vídeo então passa a mostrar um trecho de outra reportagem da TV Record, nessa parte aparece o em primeiro lugar Jean Wyllys

falando algo e também cuspiando, durante a sessão da Câmara, mas no áudio se ouve a voz da repórter que diz

“cuspir na cara do bolsonaro, cuspir.” Ele fala várias vezes, cuspir não é uma atitude que se toma nem **dentro da favela**, a gente precisa lembrar lá lá dá modelo, enfim, muito menos no parlamento no momento como esse na câmara dos deputados nacional, que tava votando um pedido importante de impeachment portanto acho que **foi o momento mais triste vamos dizer assim mais anti democrático mais falta de respeito que a gente testemunhou durante a votação** (sic)

A jornalista caracteriza o cuspe de Jean Wyllys como uma atitude que nem na favela é tomada e como o momento mais triste e antidemocrático da sessão, mostrando um preconceito contra a favela já que a coloca como um lugar de menor valor. Em seguida, o vídeo nos apresenta mais um pequeno trecho, dessa vez sem som, em que vemos Jean Wyllys conversando com alguém e a frase “eu vou cuspir na cara do Bolsonaro, Chico” seguido da legenda “Jean Wyllys disse que iria cuspir e cuspiu após discursar, depois saiu correndo”. Assim, Eduardo utiliza a fala de outros para enfatizar a metáfora de ataque que adota desde o princípio. Por fim temos, um terceiro trecho em que vemos um vídeo que parece ser feito de um aparelho celular, nele vemos Jair Bolsonaro gritando “tchau querida, tchau querida, tchau amor” ao final do voto de Jean e este se aproxima abruptamente de Jair e cospe.

Eduardo encerra o vídeo questionando o papel de Jean Wyllys como representante “dos negros... dos homossexuais; dos nordestinos; dos pobres” e alega que a atitude e discurso de Jean Wyllys é o que chama de discurso de Karl Marx, um discurso de ódio feito para “dividir e conquistar o Brasil”.

Se faz, importante ressaltar que a edição e a legenda fazem crer que Jean Wyllys teria premeditado o cuspe, o que dá mais força a metáfora de ataque que é utilizada por Eduardo nesse momento.

Neste mesmo dia, segunda-feira, 18 de abril, Jean faz uma nova publicação intitulada “Jean Wyllys sobre cuspe em defensor de torturador: “Os insultos...”, que obtém mais 11 mil reações, 1.700 compartilhamentos e 8.600 comentários (Figura 8). O deputado compartilha um vídeo com a entrevista que concedeu no programa “Bate Papo Ponto Com” da Rádio MEC AM do Rio de Janeiro. No vídeo, que recebeu mais de 300 mil visualizações, está sobreposto, à imagem da publicação anterior, o seguinte texto:

“Os insultos não aconteceram apenas ontem. Foi a gota d’água”
Jean Wyllys fala ao ‘Bate Papo Ponto Com’ da Rádio MEC AM do RJ, sobre sua reação aos insultos que recebeu em plenário após o deputado que o xingou defender um torturador.

Aqui, a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE já aparece explicitada e será reforçada tanto no texto que acompanha o vídeo, quanto nas declarações que o deputado fluminense faz durante a entrevista. No texto (Figura 10), primeiramente, é feita uma breve introdução à entrevista e é disponibilizada um em que Jean além de apresentar a rádio, fala sobre como a imprensa, em sua maioria, tratou com “naturalidade os insultos” feitos contra ele por Jair Bolsonaro, a quem se refere como “deputado que defendeu um torturador da ditadura militar”. Jean critica comportamento da imprensa a que acusa de “transformar sua **reação a insultos homofóbicos** em “polêmica” e manchete caça-cliques.”.

Figura 10

Jean Wyllys sobre cuspe em defensor de torturador: "Os insulto..."

Jean Wyllys

há cerca de 2 anos · 🌐

Hoje concedi uma entrevista ao Cadu, ao Márcio, ao Matheus e à Camila, do programa “Bate Papo Ponto Com”, da Rádio MEC AM do RJ, sobre a constrangedora sessão de votação desta farsa que está sendo um processo de impeachment conduzido por canalhas e corruptos. É muito sintomático que grande parte da imprensa que apoia a farsa, diante de toda aquele espetáculo de horror comandado por um gângster, escolha tratar com naturalidade os insultos feitos contra mim por aquele deputado que defendeu um torturador da ditadura militar em rede nacional e até internacional de TV. **E tão constrangedor quanto a sessão deste domingo é a tentativa desta mesma imprensa de transformar minha reação a insultos homofóbicos em “polêmica” e manchetes caca-cliques.**

Uma imprensa responsável e honesta estaria, neste momento, estampando em suas manchetes a barbaridade que é, em pleno ano de 2016, um deputado usar seu voto em um momento histórico para defender crimes contra a humanidade.

Fonte: Facebook

O texto continua com a transcrição do depoimento de Jean na rádio, em que o deputado continua a utilizar a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE para explicar seu ato durante a sessão parlamentar. Na fala, como vemos nas Figuras 11 e 12, Jean reitera a narrativa de ter sido verbalmente e que por isso reagiu cuspiando e o. faria novamente caso se encontrasse na mesma situação. O deputado encerra dizendo não se arrepender do ato e que é o mínimo que Jair Bolsonaro mereceu, por defender “um torturador condenado” e por tê-lo insultado; dessa forma, Jean da força a metáfora que cria.

Figura 11

Diante desse contexto, e em uma votação como aquela, eu fui dar o meu voto sob uma chuva de insultos homofóbicos. Dentre todos os deputados, a Jandira Feghali e eu talvez fôssemos os únicos que votaram sob insultos. Quando eu estava voltando esse senhor me xingou, eu virei e alguém que estava perto dele tentou segurar meu braço, eu virei, e diante do insulto que ele me fez, eu cuspi nele e cuspiria outra vez se a situação fosse a mesma.

Eu sou um ser humano. Não esperem de mim que eu dê a outra face como fez Jesus Cristo. Estou sob ataque há quatro anos sem que as pessoas reajam e com a imprensa tratando de forma natural o processo de difamação que eu enfrento e a destruição da figura pública de uma pessoa como eu, que sou honesto intelectual e materialmente, que trabalho e conduzo meu mandato e a política da maneira mais honesto e decente possível.

Fonte: Facebook

Figura 12

Eu não me arrependo de ter cuspidado nele após ele ter me xingado daquela forma, naquelas circunstâncias, sobretudo após elogiar um torturador condenado e que só não foi preso porque a nossa Lei da Anistia não permitiu prender os assassinos e torturadores da ditadura militar. Uma pessoa dessa merece, no mínimo, um cuspe, sobretudo por ter me insultado. Então foi isso que aconteceu."

Fonte: Facebook

Também é na segunda-feira, 18 de abril, que Jair Bolsonaro se posiciona através do *Facebook*. Na postagem representada na Figura 13, Jair Bolsonaro, em sua publicação na rede social, compartilha um trecho em vídeo de uma reportagem feita pela TV Record. Essa postagem teve mais conta com mais 70 mil reações, 21 mil compartilhamentos e 6.200 comentários. No vídeo com duração um pouco maior de quatro minutos o deputado é entrevistado no dia seguinte

à votação, em um corredor do Câmara dos deputados, e nele só aparecem Jair Bolsonaro e o repórter. O trecho de vídeo se inicia com o parlamentar já narrando sua versão do acontecimento. Nesse trecho o deputado em entrevista afirma “ele resolveu mirar em mim e dar uma cusparada”. Jair então, diz que Jean exagerou e cita o post do *Facebook* em “ele disse que quantas vezes for necessário, ele vai cuspir em mim”. O “ele” na entrevista se refere a Jean Wyllys, assim nesses trechos, percebe-se o mapeamento CUSPIR É ATAQUE na fala do deputado, já que no primeiro trecho, Jair faz pensar que Jean planejou e mirou, ou seja, arquitetou um ataque ao deputado de direita. Já no segundo trecho Jair confere a suposta fala de Jean ares de ameaça futura.

Figura 13

Fonte: Facebook

Em outra parte do vídeo, após ser perguntado sobre o processo aberto no Comitê de Ética contra Jean Wyllys, Jair diz que isso seria uma reação à declaração de Jean Wyllys que “falou que vai continuar cuspiando na minha cara sempre que achar necessário e daí como que vai ser minha reação? ficar quieto?” e que não tem “sangue de barata”, que sua briga com Wyllys é no campo das ideias, não fisicamente. Jair Bolsonaro continua, assim, utilizando a metáfora CUSPIR É ATAQUE, visto que para se defender do ataque sofrido e da ameaça de futuros ataques, abre processo contra o outro deputado. Essa metáfora é utilizada ainda em outro momento da entrevista em que ao responder se considera o ato quebra de decoro, Jair Bolsonaro afirma “ah se não for isso, o que que vai ser ? eu acho que um soco é menos é grave, mas é menos grave que

uma cusparada”, colocando assim o cuspe em uma escala de agressão em que está acima de soco em gravidade de ofensa.

Durante os dias que se seguem diversos vídeos e imagens do cuspe de Jean Wyllys são compartilhados e a narrativa ganha mais um elemento: Eduardo Bolsonaro é visto cuspiendo em Jean Wyllys também. Em consequência, os dois deputados citados voltam a falar disso em suas páginas do *Facebook*.

Então, na terça-feira, 19 de abril, é compartilhado na página do *Facebook* de Jean Wyllys um novo vídeo (figura 14), junto a um texto assinado pela Assessoria de Comunicação do deputado fluminense. Com o título “Desmontando a farsa da família Bolsonaro” o post atingiu mais de 81 mil reações, 28 mil comentários e foi compartilhado mais de 91 mil vezes.

Figura 14

Fonte: Facebook

O vídeo é um clipe com várias cenas protagonizadas por Jair e Eduardo Bolsonaro. E se inicia com o escrito “Eduardo Bolsonaro fala sobre o que considera boa conduta parlamentar...” e vemos um trecho do vídeo de Eduardo, publicado em sua rede social anteriormente, em quem fala que mesmo ouvindo coisas que não concordava, isso não foi motivo para cuspir em alguém pois é uma conduta parlamentar, segue-se declaração um trecho de vídeo feito durante a votação em que vemos Jean cuspiendo em Jair conforme este se afasta. Essa imagem e a frase “essa não é uma conduta de parlamentar são repetidas algumas vezes em câmera lenta.

O vídeo prossegue fazendo uso de um fundo negro com um texto escrito, dessa vez a tela traz “Não é de hoje que a conduta parlamentar da família Bolsonaro inclui agressões e ataques” que é seguido por uma série com 10 diferentes momentos em que Jair Bolsonaro foi gravado dizendo ofensas ou sendo agressivo com jornalistas, manifestantes e colegas parlamentares. O vídeo objetiva mostrar, a quem o assiste, Jair em situações não condizentes com o que se esperaria de um parlamentar, desse modo, embasando as acusações de Jean Wyllys de agressões sofridas anteriormente e respaldando a metáfora do contra-ataque que cria.

Figura 15

Desmontando a farsa da família Bolsonaro

Jean Wyllys
há cerca de 2 anos · 🌐

CUSPIDA: VOCÊ QUER SABER O QUE REALMENTE ACONTECEU?
(Leia o texto e não deixe de assistir ao vídeo abaixo!)

A internet é perigosa para os incautos. Muita gente está presumindo que o deputado Jean Wyllys “premeditou” a cuspada que deu na cara de Jair Bolsonaro, que na verdade foi uma reação indignada, já que o defensor da ditadura não parava de insultar e ofender o parlamentar do PSOL. O filho de Bolsonaro, Eduardo, publicou nas redes sociais um vídeo toscamente editado em que é possível perceber, por leitura labial, que Jean está dizendo para o deputado Chico Alencar: “Eu CUSPI na cara de Bolsonaro”. A fraude da edição consiste em colocar esta imagem, que é posterior ao episódio, antes da cuspada, e sugerir, colocando uma legenda mal feita, que a leitura correta seria “Eu VOU CUSPIR na cara de Bolsonaro” (por isso, o nosso mandato vai solicitar uma perícia do vídeo). Isso já seria o suficiente para esclarecer a forma criminosa como essa família conduz suas atuações parlamentares, mas a hipocrisia, má-fé e desonestidade vão além: o filho de Bolsonaro tenta passar para seus eleitores a imagem de bom-moço e MENTE ao afirmar que, durante aquela farsa que todos vocês assistiram no último domingo, ele não cuspiu em ninguém. **Pode-se concordar ou não com a atitude do deputado Jean Wyllys em reagir desta forma após o Jean tolerar todos os tipos de insultos e provocações orquestradas e premeditadas ao longo desses anos, mas Wyllys é gay o suficiente para não atacar pelas costas e nem negar os fatos: ele assume publicamente os seus atos e arca com as consequências. (Aliás, eles manipulam imagens para induzir que o deputado Jean teria premeditado sua reação, mas quem está com um celular na mão e filmando a reação do Jean às provocações do seu pai é Eduardo Bolsonaro. Ele aprendeu tais métodos com aquele que anda no corredor do avião até a sua poltrona com a filmadora do celular ligada).**

Fonte: Facebook

No texto que acompanha o vídeo (Figura 15), encontramos o mesmo processo sendo realizado quando a Assessoria de Comunicação diz que é possível “concordar ou não com a atitude do deputado Jean Wyllys em reagir desta forma após o Jean tolerar todos os tipos de insultos e provocações orquestradas e premeditadas ao longo desses anos”, afim de indicar o comportamento agressivo de Bolsonaro. Outro ponto importante a ser ressaltado é a acusação feita sobre o vídeo apresentado por Eduardo Bolsonaro em que pela edição e pela legenda acrescentada, faz-se crer que Jean premeditou o cuspe, o que embasaria a metáfora de ataque utilizado pelos deputados do PSC e enfraquece a usada por Jean, CUSPE É CONTRA-ATAQUE. Nos próximos parágrafos do texto, é apresentada uma cronologia dos fatos, onde, novamente, são retomadas e reforçadas tanto a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE, quanto as acusações de fraude na edição de vídeo.

Cerca de duas após essa terceira publicação de Jean Wyllys, Eduardo Bolsonaro compartilha um segundo vídeo (Figura 16) em que aborda os acontecimentos da sessão de votação. Após vídeos serem divulgados mostrando que também cuspiu em Jean. Esse post teve mais de 32 mil reações, 6.200 compartilhamentos e 5.400 comentários. Assim como o primeiro vídeo, esse se inicia com a mesma vinheta, porém vemos o parlamentar em outro local, dessa em pé e vestindo uma camiseta com os dizeres “Endireita Fortaleza”.

Figura 16

Fonte: Facebook

Eduardo se apresenta e dá destaque ao afirmar que “quem não deve, não teme” e esse é um dos motivos pelos quais estaria gravando esse novo vídeo. Agora, Eduardo caracteriza a atitude de Jean Wyllys como sendo premeditada “pensada motivada pelo ódio que ele tem do deputado Jair Bolsonaro, pela sua intolerância e ouvir opiniões contrárias”. Temos, então, que Eduardo Bolsonaro, continua a utilizar CUSPE É ATAQUE como forma de caracterizar o ato de Jean Wyllys, porém ao que se segue no vídeo temos o deputado utilizando a nova metáfora, do contra-ataque, para falar de seu cuspe.

Eduardo continua “a minha atitude foi uma reação a uma injusta agressão feita por ele, minha motivação foi proteger o meu pai o deputado Jair Bolsonaro”. Assim Eduardo começa a expressar CUSPE É CONTRA-ATAQUE⁵ e a diferenciar o seu cuspe do cuspe de Jean Wyllys. Eduardo termina o vídeo reforçando a metáfora do ataque e perguntando a quem o assiste se ficaria quieto diante da “injusta agressão” que seu pai sofreu.

Figura 17

Fonte: Facebook

A esse vídeo também é acompanhado um texto curto, como de costume nas publicações do deputado paulista (Figura 17). Neste texto, Eduardo continua utilizando a metáfora de ataque ao falar do cuspe de Jean (“uma injusta agressão”) e, ao mesmo tempo, utiliza a de contra-ataque (“uma atitude de legítima defesa”) quando fala do seu cuspe.

⁵ A discussão sobre a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE será realizada de mais completa na próxima sessão do capítulo.

Já na figura 18 vemos que Eduardo Bolsonaro faz uma publicação apenas com texto em seu perfil no *Facebook*. Nesse novo post, que conta com 25 mil reações, 2.400 comentários e 1.600 mil compartilhamentos, Eduardo diz que está sendo atacado gratuitamente e volta a falar que cuspir não é um ato de parlamentar, porém que sua cusparada e a de Jean foram diferentes.

Figura 18

Fonte: Facebook

O parlamentar continua a acusar Jean de ter premeditado o cuspe em caracterizá-lo com um ato intencional de agressão, movido por ódio e reforça, assim a sua narrativa e a de seu pai. Em suas palavras “cuspir de graça nos outros não é atitude de parlamentar (Figura 19). Assim como matar alguém é uma atitude reprovável. Agora, se atirarem em você e eu atirar de volta eu não estarei errado”.

Figura 19

Fonte: Facebook

Assim, pode-se notar como Eduardo continua a utilizar o mapeamento CUSPIR É ATAQUE, por um lado, para caracterizar o cuspe de Jean como uma agressão gratuita, não sendo uma atitude de parlamentar. Um ato premeditado com a “intenção de agredir movido pelo ódio”. E, por outro lado, caracteriza o seu cuspe de forma diferente, ou seja, a metáfora utilizada para falar de si é CUSPE É CONTRA-ATAQUE. Seu cuspe foi “reflexo e espontâneo movido para proteger” seu pai, e ao contrário de Jean, ele não cuspiu em que defendeu pontos de vista diferentes. A dicotomia entre os gestos é ainda sobressai ainda quando, retoricamente, pergunta “pouco importa a intenção, a legítima defesa, a premeditação?”

Como dito anteriormente, foram selecionados os 10 comentários tidos como mais relevantes, segundo indicado pelo *Facebook*. Acreditamos que é possível afirmar que esses comentários têm a aprovação dos demais seguidores do devido ao alto número de respostas e reações quando comparado aos outros, indicando assim concordância com o conteúdo expresso. Também reiteramos a escolha por não considerar os comentários dos contatos do autor, já que sua relevância na discussão é inflada pelo algoritmo que faz a ordenação dos comentários, sendo mais relevantes para o autor que para a comunidade criada nos comentários como um todo.

Nas figuras 20 e 21 vemos os comentários à primeira publicação de Jean Wyllys, neles encontramos repetidas demonstrações de apoio e compreensão ao deputado. R.C chama o cuspe de histórico e afirmar que faria o mesmo, assim como Xico Sá. Já M.P. lembra que o cuspe foi também uma reação ao comportamento agressivo de Jair e encontra respaldo nos comentários de D.A, RSC e IS. Para DS, mesmo não sendo correto, “ninguém em sangue de barata”. Já Leticia Sabatella além de elogiar o deputado, o agradece pelo que chama de defesa. JB reforça o coro dizendo que Jair merece “toda a saliva do mundo. Assim encontramos a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE não apenas em comentários individuais, mas em seu conjunto, de modo que esse significado é construído e reforçado a cada comentário: mesmo que um comentário não apresente a metáfora completa, ele dá elementos que a validam, seja o histórico de Jair, seja a aprovação do cuspe.

Figura 20

Fonte: Facebook

Figura 21

Fonte: Facebook

Já, na primeira publicação de Eduardo Bolsonaro, os comentários em sua maioria não abordam diretamente o cuspe de Jean Wyllys, se concentrando mais em invalidarem suas crenças políticas, e em apresentando incongruências em seu discurso. Porém três comentários entre os selecionados apresentam a metáfora CUSPE É ATAQUE. O primeiro a fazer isso é o de R.G.A. (Figura 22) que coloca o cuspe em uma gradação de ataques, “Agora cuspir, bom, atravessa uma linha que deve ser evitada. Hoje é um cuspi, amanhã um soco, depois um tiro. Vocês querem

mesmo ir por esse lado?” R.G.A afirma que Jean Wyllys “poderia ter esculachado a fala do Bolsonaro com argumentos, mas perdeu a cabeça.”, e racionaliza o ataque sofrido por Bolsonaro lembrando que Fidel Castro “matou gente pra caralho”, e mesmo que “os esquerdalhas vivem o exaltando” isso não lhe “dá o direito de cruzar a tal linha do bom funcionamento das coisas e agredí-los”. Ainda pode-se notar a presença de CUSPE É ATAQUE quando, ao finalizar seu comentário, o usuário pede que “o conselho de ética atue com rigor”.

Figura 22

Fonte: Facebook

Figura 23

Fonte: Facebook

Também demanda a ação do Conselho de Ética o usuários C.C (Figura 23), que compartilha o link de um abaixo-assinado on-line. Já B.B. (Figura 24) sugere um processo, sem especificar em qual órgão, pois Jean Wyllys “usou de truculência, e por isso ele deve ser processado por cuspir no colega parlamentar e responder também processo por falsa acusação e ter colocado tal acusação em publico em sua pagina.”

Figura 24

Fonte: Facebook

Respondendo à entrevista dada por Jean Wyllys à Rádio MEC AM, os comentários são os que apresentam menor aprovação ao seu autor. Na Figura 25, VS, pondera que mesmo não sendo partidário de Jair Bolsonaro, desaprova o gesto de Jean, pois, segundo ele, “atitudes como essa só diminuem a sua causa”. VS significa, assim, o ato de Jean a partir da metáfora de ataque.

Figura 25

Fonte: Facebook

Figura 27

Fonte: Facebook

Figura 28

Fonte: Facebook

Por fim, vemos na Figura 29 que WA, RS e LQ manifestam sua admiração a Jean Wyllys, porém não fazem menção ao fato. WG se orgulha do PSOL e do deputado, mesmo sendo de outro estado; já RS parabeniza Jean por sua coragem frente aos comentários ofensivos, enquanto LQ afirma que votou nele e não se arrepende.

Figura 29

Fonte: Facebook

A Figura 30 mostra alguns comentários à publicação do deputado Jair Bolsonaro, na primeira, RN parabeniza a rede Record pela imparcialidade em oposição a TV Globo não teria coberto o caso. Em seguida FB, falando sobre o cuspe de Jean Wyllys, diz que “nada justifica essa atitude de moleque mostrou a intolerância dos que pedem tolerância, se fosse o contrário a mídia estaria trucidando o Dep. Jair Bolsonaro” e acrescenta que espera “que esse Jean seja cassado por quebra do decoro parlamentar”, classificando, desse modo o cuspe de Jean Wyllys como um ataque infantil que não respeita o comportamento esperado de um deputado. Já para VR (Figura 31), a ação de cuspir é caracterizada como uma “atitude desequilibrada” que deve ser explicada pela psicanálise. Nesses comentários a metáfora CUSPE É ATAQUE é explicitada ao

caracterizarem o cuspe com algo infantil e irracional que deve ser punido com a cassação do mandato ou explicado e tratado.

Figura 30

Fonte: Facebook

Figura 31

Fonte: Facebook

VM (Figura 32) se afasta da questão do cuspe e foca na aparente contradição de Jair Bolsonaro dedicar seu voto ao Coronel Ustra e ser desaprovado enquanto, por outro lado, é normalizado e perdoado matar pela “causa vermelha”. VM finaliza seu comentário agradecendo aos militares brasileiros por não deixarem “que o Brasil se tornasse uma Cuba”.

Figura 32

Fonte: Facebook

Para D.G, (Figura 33) “se fosse o Jair Messias Bolsonaro que tivesse cuspidido neste bosta, ai já seria diferente, ia ser xingado de tudo: Fascista, nazista, racista, comunista~, ou seja, que se a situação fosse inversa, Jair Bolsonaro seria insultado. Desse modo, o usuário supõe uma diferença no tratamento dado Jair e Jean, fazendo crer que a reação a seria negativa caso primeiro

tivesse disparado a cusparada. D.G., ironicamente, acrescenta uma longa série de adjetivos com o sufixo -ista, afim de dar maior ênfase ao seu argumento final da ausência de acusações de corrupção contra Bolsonaro e encerra o comentário com a hashtag #bolsomito, geralmente, utilizada em apoio ao deputado por seus seguidores e fãs.

Figura 33

Fonte: Facebook

Vemos novamente a metáfora CUSPE É ATAQUE nos comentários de UA; RS (Figura 34); LA e EM (Figura 35). Para o primeiro o cuspe é foi uma provocação e Jair Bolsonaro fez bem em não reagir, enquanto RSB chama de “Falta de decoro parlamentar. Atitude baixa e nojenta” de um “Sujeito porco e covarde. Oportunista que fala de valores e princípios e age como um animal, traiçoeiro.”. RSB afirma ainda que mesmo devendo ser respeitada a opinião alheia “cuspir no rosto de outra pessoa é uma atitude profundamente nojenta”, que é agravada neste caso já que Jean Wyllys se apresenta como defensor dos direitos humanos. LA ressalta que Jean Wyllys foi “sujeitinho covarde” ao cuspir “em cara de homem e sair correndo”. E, por fim, EM na mesma linha de UA, parabeniza Bolsonaro pela “nobre atitude de simplesmente não reagir” pois imagina “como foi difícil para um Capitão do Exército tomar uma cusparada no rosto”. EM também encerra seu comentário com uma hashtag, porém dessa vez a utilizada é

#Bolsomito2018, que faz referência às eleições presidenciais de 2018, em que Bolsonaro já despontava como pré-candidato em 2016.

Figura 34

Fonte: Facebook

Figura 35

Fonte: Facebook

O último comentário realizado e que foi selecionado em nossa pesquisa é o de SP (Figura 36), que vai em sentido oposto aos anteriores, isto é, ao invés de mostrar apoio ao deputado Jair Bolsonaro, o critica. SP em primeiramente diz que “prá um fascista igual ao Bolsotário uma cusparada é pouco. É apenas um ato de repúdio ao rato”, justificando a ação de Jean Wyllys, e, desse modo, podemos perceber que a metáfora CUSPE É ATAQUE, sendo substituída por CUSPE É CONTRA-ATAQUE, ao falar do cuspe de Jean Wyllys. S.P. volta à metáfora inicial de ataque quando alega que “contrário não ocorreria. Bolsonaro nunca cuspiria em algum desafeto. Ele torturaria ou coisa pior...”.

Figura 36

Fonte: Facebook

No terceiro e último post de Jean Wyllys, no dia 18 de abril, assim como no primeiro, os comentários tendem a elogiar e apoiar o ato do deputado reforçando ainda mais sua ressignificação a partir da metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE. Na figura 37, SL assume não ser eleitora de Jean, porém o parabeniza pela sua postura e manifesta-se contra o Jair Bolsonaro. CO, AL e ACP retomam ataques anteriores que Jean sofreu como motivadores do cuspe. E IO procura usar de ironia para mostrar que Jean estava correto em sua atitude.

Figura 37

Fonte: Facebook

Para JV o gesto de Jean Wyllys foi mais que apenas uma reação, em seu longo comentário (Figura 38) o usuário faz um testemunho de como após anos sendo ofendido e sofrendo, pode “ouvir um estrondo de uma voz que sustenta uma enorme esperança em dias melhores”. Segundo J.V., o cuspe de Jean foi um ato de resistência do qual compartilhou. Aqui vemos como a metáfora do contra-ataque sendo explorada de modo mais complexo, para o autor do comentário o gesto não apenas se trata de algo pontual, mas um ato que reflete a vontade e esperança de outras pessoas, quase uma representação de rebeldia e libertação da condição de vítima.

Figura 38

Fonte: Facebook

Os próximos comentários são marcados, também, pela metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE. Observamos nas Figura 39 que SS, MB e NZF reforçam o apoio direto à atitude de Jean, sendo que NZF faz-se de triste por não ter participado da ação. Também em apoio a Jean,

mas de modo mais anedótico, DG mostra o tratamento diferente dado aos de Jean e Jair, em que o primeiro é condenado por cuspir e o segundo não o é por defender agente da tortura.

Figura 39

Fonte: Facebook

Na publicação intitulada “E se fosse pai?”, de Eduardo Bolsonaro, os comentários seguem um padrão similar, contudo vemos, também CUSPE É CONTRA-ATAQUE por seus seguidores ao falarem da reação de Eduardo. Primeiramente, temos JF (Figura 40) que inicia seu comentário com uma aparente crítica, dizendo que Eduardo não agiu corretamente, que “daria um soco na cara” e acrescenta como justificativa que isso seria “legítima defesa da honra de terceira pessoa”. Utilizando a metáfora do contra-ataque, o usuário propõe uma intensificação na violência da resposta do parlamentar – ao cuspe deve-se responder com agressão física – desse modo abre espaço para mais declarações violentas. Para LVF, Eduardo também deveria ter agido de forma mais física pois considera que “Ninguém tem sangue de barata não, aquele dePUTado merecia era uns supapos!”.

Figura 40

Fonte: Facebook

AB (Figura 41) se utiliza da metáfora CUSPE É ATAQUE para comparar Jean Wyllys a um animal. Buscando um efeito humorístico ao mesmo tempo que insulta, AB comenta “Atenção, técnicos do IBAMA! Há uma lhama estressada e histérica na Câmara dos Deputados.”. Comparação com a lhama se dá pela fama da espécie de cuspir. Para reforçar o personagem de seu comentário descreve Jean como se vestindo “com indumentária da cor vermelha bolivariana, tem fisionomia de hippie dos anos 1970 e defende ditaduras corruptas”. E prossegue, reforçando a metáfora do ataque:

Sempre que escuta “Impeachment” e “Fora Dilma”, o animal **fica irritado e cospe na cara do engraçadinho** – a quem chama de “algo que rima com fiado”. O exemplar em questão é raro – pois venceu um reality show num zoológico, ao lado de outros bichos esquisitos – e também muito arisco: **lança o muco e foge** batendo as asas, como uma galinha saltitante.

Figura 41

Fonte: Facebook

Na Figura 42, é possível observar como EBS faz uso tanto do enquadramento CUSPE É ATAQUE quanto de CUSPE É CONTRA-ATAQUE. Inicialmente defende Eduardo e apresenta reforça a tese de legítima defesa de JF “Nossa, hoje eu pensei na legítima defesa, eu vejo o Eduardo Bolsonaro sempre olhando pro Jair Bolsonaro com muita admiração e amor, só foi defender o pai, não premeditou nada como o demente do Jean Wyllys”. Para depois, absolvê-lo, ao mesmo tempo que condena Jean Wyllys, “Eduardo Bolsonaro tem que ser perdoado, já o Jean Wyllys tem que ser cassado”. PD utiliza-se da metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE para justificar o ato de Eduardo: “Sei que vc agiu pra proteger seu pai, e acredito que muitos fariam o mesmo.”. E, assim como JL também dá razão à Eduardo Bolsonaro, mas pede que pai e filho tenham cuidado pois a “esquerda” estaria ganhando “munição contra eles”. ECG concorda e

considera que teria tido uma reação mais violenta. Já WL afirma que enquanto o cuspe de Eduardo foi um “ato digno de um homem de respeito”, o de Jean deve ser punido por falta de decoro, colocando as duas metáforas em antítese.

Figura 42

Fonte: Facebook

Na última publicação de Eduardo Bolsonaro durante a semana em que os fatos ocorreram, também conta com comentários em apoio aos deputados do PSC e assim como no texto de Eduardo temos a presença das metáforas de ataque e contra-ataque, porém diminuída. Os comentários buscam, agora, mais enaltecer o Eduardo ou Jair Bolsonaro e criticar Jean Wyllys e a esquerda, do que focar no cuspe.

BA aponta (Figura 43) o que lhe parece ser um caso de padrões duplos e diferentes para os grupos de direita e esquerda, enquanto este pode “falar de Marighella, Lamarca, Olga Benário, Prestes, Che e Castro” não se pode falar no General Ustra, pois seria considerado apologia a tortura. Quando a esquerda conta com o apoio de políticos como Renan Calheiros e Fernando Collor, como reputação de corruptos, a direita é acusada de “engrandecer” bandido por elogiar o, então, presidente da Câmara Eduardo Cunha, também acusado de corrupção. Por fim, BA compara “repreender palavras de ódio ou agredir alguém que lhe fez mal” a “cuspir em outro deputado devido a desavenças”, o primeiro sendo o ato de Eduardo e condenado, e o segundo o de Jean. Para ICR, Eduardo é vítima de mentiras promovidas pelo medo da ascensão política do deputado e para ER, Eduardo não deveria ter se rebaixado, “devolvendo na mesma moeda”.

Figura 43

Fonte: Facebook

V.S.M. acentua (Figura 44) o papel da família Bolsonaro contra a esquerda brasileira, G.V.S. assume ser fã de Eduardo mesmo residindo em outro estado, mas reprova o fato do deputado “dar o troco na mesma moeda. F.S.J., DA e E.L manifestam-se de forma semelhante, apoiando o deputado e sugerindo que ele deixe de dar explicações pois estava certo. Já RRFD afirma que não responderia da mesma forma, mas sim aumentaria o grau de violência agredindo fisicamente Jean Wyllys.

Figura 44

Fonte: Facebook

De forma geral, nos comentários, encontramos demonstrações de apoio que se alinham as das publicações dos deputados. Assim, vemos a metáfora CUSPE É ATAQUE, utilizada como forma de significar o cuspe tanto de Jean, como de Eduardo. Já a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE pode ser encontrada, primeiramente, em comentários de seguidores de Jean Wyllys, confirmando o processo de ressignificação de seu ato que o deputado propõe. O mesmo acontece, posteriormente, quando Eduardo Bolsonaro admite ter cuspidido em Jean e, dessa forma, o ressignificando como um contra-ataque à agressão sofrida por Jair. Para nós essa metáfora ainda

não está cristalizada, porém sua utilização aqui reforça nosso entendimento do caráter criativo da metáfora.

Acreditamos ainda, que a forma como são ordenados os comentários, primeiros os considerados mais relevantes, interfere na interação e fortalecendo sentidos. Assim, ao serem considerados mais relevantes comentários em que se faz presente a metáfora CUSPE É CONTRA-ATAQUE, temos que esse novo sentido validado, uma vez que apesar de haver a influência da ferramenta de ordenação, ainda é necessário a ação dos demais usuários que interagem com ele seja por meio de um mero clique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nossa pesquisa nos propomos a seguinte questão: “como o uso de metáforas contribui para a interação simbólica redes sociais on-line? E para tentar respondê-la nos baseamos em um tripé teórico formado pela Semiótica peirceana, pela Teoria da Metáfora Conceptual e pelo Interacionismo Simbólico.

Nosso primeiro esforço foi o de sintetizar o nosso entendimento da Semiótica de Peirce, desse modo nos concentramos em buscar em sua teoria e em estudos que dela derivam os elementos para compreender a metáfora como um signo. Para nós a metáfora deixa de ser vista apenas como figura de linguagem e passar a ser forma. Vemos na metáfora a capacidade de promover uma relação de similaridade entre dois signos, transferindo predicados entre eles, podendo gerar novos signos.

Seguimos nosso percurso com a compreensão da Teoria da Metáfora Conceptual que nos mostra a metáfora como uma operação mental, que é refletida na linguagem. Uma operação mental básica, que nos permite compreender o mundo, como o percebemos e como agimos. A metáfora, assim, se torna uma ferramenta que utilizamos para entender algo novo ou desconhecido a partir do que conhecemos previamente.

A partir desse ponto, podemos então aproximar o signo metáfora e a metáfora conceptual. A metáfora, então, é entendida com um processo mental que nos permite entender algo a partir de ligações que realizamos com características de outro elemento, ou seja, nos possibilita criar paralelos entre coisas distintas para que compreender uma delas. E, ao criar diferentes paralelos para algo, criamos diferentes significados para tal elemento. Assim, para nós, a metáfora é vista como um atalho mental que nos permite chegar a um novo lugar a partir de caminhos já conhecidos.

Alcançando essa compreensão, faz-se necessário o entendimento de como as interações sociais afetam e são afetadas pelos sentidos que produzimos ao utilizar as metáforas. Para isso, procuramos apoio nas premissas do Interacionismo Simbólico que nos aponta para o fato que agimos diante de outros, de coisas e experiências de diferentes formas devido ao significado que lhes damos; esse significado é construído a partir das interações sociais e pode se manter ou ser alterado mediante um processo interpretativo que nos é próprio. Acreditamos que isso ocorre não somente na interação social face a face, mas também quando essa interação é mediada, ou seja,

nosso entendimento é que nas redes sociais também agimos a partir dos significados que criamos pela interação.

Procuramos mostrar, em nossa análise, o funcionamento das metáforas na construção de novos significados na interação social on-line, não apenas como forma de expressão, porém considerando seu papel fundamental na forma como se percebe e conceptualiza o mundo.

Em oposição às metáforas convencionais, existem as metáforas novas, ou seja, aquelas que se encontram fora do nosso sistema conceptual, que são fruto da criatividade e imaginação humana e podem ser criadas por desdobramentos de metáforas estabelecidas. Acreditamos, embasados no que foi exposto, que a metáfora conceptual CUSPE É ATAQUE contribui na forma como significamos o ato de cuspir, tanto na interação on-line, quanto no cotidiano. Também é possível supor que o mesmo ato foi ressignificado de modo a justificar as ações dos deputados, criando assim o mapeamento CUSPE É CONTRA-ATAQUE.

Entendemos, também, que conceito de signo metafórico presente na semiótica peirceana em conjunto com a teoria das metáforas conceptuais, contribui para o entendimento do processo de significação nas redes sociais, sugerindo a produção criativa metáforas conceptuais na interação on-line.

Além disso, procuramos mostrar em nossa reflexão como uma realidade pode ser criada e alterada a partir de processos de significação e interpretação, seja ela presencial ou pelo ambiente digital, tais suposições encontram amparo dentro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social.

Entretanto, não podemos deixar de observar, que as ferramentas disponíveis que permitem a interação social e constituem as redes sociais dependem de ações e percepções individuais. E, por sua vez esses movimentos individuais impactam a forma como são criados e manipulados os sentidos. Essas ações e as próprias redes sociais têm criado "filtros-bolha" fazendo com que apenas significados que ressoam determinada posição circulem. Com isso, mesmo que em uma rede social cada perfil tenha, tecnicamente, as mesmas possibilidades de acesso, os conteúdos a que os usuários têm acesso são afetados ao mesmo tempo que o algoritmo seleciona e agrupa sentidos convergentes fazendo com que esses sejam vistos apenas por aqueles que partilham da mesma ideologia. Ou seja, os filtros tendem a isolar os usuários dentro de grupos onde apenas alguns tipos de informação circulam (RECUERO, ZAGO e SOARES, 2018). Entretanto,

devemos ressaltar, que os filtros são criados e reforçados pela ação dos próprios usuários de modo que se institui um processo circular em que o filtro seleciona o conteúdo para o usuário que o reforça e o alimenta com mais do mesmo conteúdo.

Por fim, um ponto importante a ressaltar e que corrobora nossas análises é o fato de ambos os grupos, apesar de suas diferenças ideológicas e estruturais, utilizarem a mesma metáfora para ressignificar o ato de cuspir, criando nos dois grupos uma nova realidade com uma necessidade de defesa contra o ataque inicial do outro. Esse novo mapeamento, CUSPIR É CONTRA-ATAQUE, fornece, assim, uma base de coesão dentro dos grupos reforçando sua unidade.

Como todo estudo, este apresenta um entendimento possível das publicações e comentários analisados, entendimento esse que não apresentamos como sendo uma verdade absoluta, mas como uma proposta de leitura de um caso. É possível que outros estudos possam também encontrar elementos semelhantes, confirmando nossa a influência das metáforas na construção e manipulação de significados nas redes sociais. No entanto, sabemos que outras leituras e análises são possíveis e que, divergindo ou convergindo conosco, servirão de incentivo e diálogo para futuras pesquisas a respeito dos temas que abordamos.

Assim como Lakoff e Johnson (2003, p.244), procuramos reiterar o valor da metáfora ao pensamento, repensando ideias fundamentais sobre a mente e seu funcionamento. Acreditamos que o entendimento da metáfora a partir da TMC tem implicações em diversas áreas desde a linguística, à filosofia da ciência e matemática. Consideramos, também, que os conceitos semióticos aplicados à perspectiva cognitivista podem trazer uma fundamentação teórica e filosófica, estendendo seu alcance às ciências sociais e trazendo um aprofundamento sobre as práticas sociais e questões de significação incidindo desde a Literatura à Política e, também, pela Comunicação. E ao unir os pensamentos semiótico; cognitivista e interacionista procuramos mostrar como as metáforas ajudam a formatar a maneira como percebemos o mundo; as coisas e as relações, assim considerações a respeito dos diferentes significados que algo pode ter, a partir do estudo das metáforas, pode fornecer dados relevantes para o entendimento de processos de criação e manipulação de sentidos em uma comunidade.

A relevância destes conceitos enquanto ferramentas de análise também nos sugere que os mesmos possam ser empregados no estabelecimento de estratégias adequadas para a criação de dispositivos de informação e estratégias de comunicação em redes sociais.

BIBLIOGRAFIA

ABRÃO, Jorge A. M.; ROMANINI, A. V. **RUMORES** (USP), v. 11, p. 232-250, 2017
Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/126375>; Série: 21; ISSN/ISBN: 1982677X.

_____. A interação simbólica na era digital: entendendo redes sociais. In: **XV Congresso IBERCOM**, 2017, Lisboa. XV Congresso IBERCOM 2017: comunicação, diversidade e tolerância - Livro de Anais. Lisboa: FCH-UCP, 2017. p. 153-164. <http://assibercom.org/ebook-ibercom-2017.pdf>; ISSN/ISBN: 9788572051880

ANDERSON, Douglas. Peirce on metaphor. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, v. 20, n. 4, p. 453-468, 1984

BAKER JI. The self as an internal dialogue: Mead, Blumer, Peirce, and Wiley. **The American Sociologist**. 2005 Mar 1;36(1):75-84.

BATESON G. **Steps to an ecology of mind**: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology. University of Chicago Press; 1972.

BERGMAN M. CS Peirce on interpretation and collateral experience. **Signs-International Journal of Semiotics**. 2010 Oct 15;4:134-61.

BLUMER, H. A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, David. **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980

_____. **Symbolic interactionism**: Perspective and method. University of California Press, 1986.

BRAGA, A. (2006). Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. Anais do XVI Encontro da Compós. Curitiba, Brasil.

BRANDT, Line; BRANDT, Per Aage. Making sense of a blend: A cognitive-semiotic approach to metaphor. **Annual Review of Cognitive Linguistics**, v. 3, n. 1, p. 216-249, 2005.

CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. The emergence of metaphor in discourse. **Applied linguistics**, v. 27, n. 4, p. 671-690, 2006.

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Zahar, 2003.

_____. Internet e sociedade. In: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização, cultura e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, SP: Paz e Terra, volume I, 4ª edição, 1999.

CENTENO, Maria João Anastácio. **O conceito de comunicação na obra de Bateson: interação e regulação**. Labcom, Universidade Beira do Interior, 2009.

DE WAAL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Edições Loyola, 2007.

FARIAS, Priscila L. **Imagens, diagramas e metáforas: uma contribuição da semiótica para o design da informação**. 2002. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. São Paulo, SP: PUC SP.

FARIAS, Priscila Lena; QUEIROZ, João. Os Diagramas de CS Peirce para as Dez Classes de Signos. **TRANS/FORM/AÇÃO**, v. 36, n. 3, 2013.

FERRAZ JR, Expedito. O conceito peirceano de metáfora e suas interpretações: limites do verbocentrismo. **Estudos Semióticos**, v. 7, n. 2, p. 70-78, 2011.

_____. Sobre o conceito de metáfora na Teoria Geral dos Signos. In: IV Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento, 2011, Porto Alegre. Anais - **IV Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. v. 1. p. 299-320.

FERREIRA, Bárbara Cabral. **Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que categorizam a presidente em charges**. 2015. 223 f. 2015. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

FLUSBERG, Stephen J.; MATLOCK, Teenie; THIBODEAU, Paul H. Metaphors for the war (or race) against climate change. **Environmental Communication**, v. 11, n. 6, p. 769-783, 2017.

FRANCA, V. R. V.; SIMOES, P. G. . A Escola de Chicago. In: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Vera França. (Org.).. (Org.). **Dicionário de Comunicação: Escolas, Teorias e Autores**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 138-146.

_____. A Escola de Palo Alto. In: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Vera França. (Org.).. (Org.). **Dicionário de Comunicação: Escolas, Teorias e Autores**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 170-178.

GAIMAN, Neil. *The view from the cheap seats: Selected nonfiction*. Hachette UK, 2016.

GIBBS, R. W. Cognitive Linguistics and Metaphoric Research: Past successes, skeptical questions, future challenges. **DELTA**, São Paulo, v. 22: Especial, 2006. pp. 1-20. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502006000300003>. Acesso em: 10 out. 2018.

GUZZI, Adriana Araújo **Web e participação: a democracia no século XXI**. São Paulo: Senac SP, 2010.

_____. **Participação pública, comunicação e inclusão digital**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

HALEY, Michael C. Metaphor, mind, and space: What Peirce can offer Lakoff. In: **Peirce Seminar Papers: Proceedings of the International Colloquium on Language and Peircean Sign Theory**. 1999. p. 417-440.

HAUSMAN, Carl R. Metaphorical semeiotic referents: Dyadic objects. **Transactions of the Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy**, v. 43, n. 2, p. 276-287, 2007.

HERMES, Gilmar Adolfo. **As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte**. São Leopoldo, RS, Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 698p, 2005.

KOCH, Otávio Henrique. **Revisitando a metáfora: reflexões sobre a teoria cognitiva da metáfora e a teoria da relevância**. 2016.

KOVECSES Zoltán. Metaphor and emotion: Language, culture, and body in human feeling. Cambridge University Press, 2003

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** [1980]. Coord. de trad. de Maria Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003

LAKOFF, George. **The political mind: A cognitive scientist's guide to your brain and its politics**. Penguin, 2008.

_____. **The contemporary theory of metaphor**. 1993.

Lana, Lígia Campos de Cerqueira. "Gregory Bateson e o processo comunicativo." **Em Questão** 14.2 (2009).

Leezenberg M. Da linguística cognitiva à ciência social: 30 anos após Metáforas da Vida Cotidiana. *Revista Investigações* Vol.28(2), Jul. 2015.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 9, 1998.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Letras, 1995

_____. **Ciberdemocracia**, Instituto Piaget, Lisboa, 2003.

_____. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Ed. 34, São Paulo, 2001.

_____. **Cibercultura** Ed. 34, São Paulo, 2000.

LIMA, PLC; GIBBS JR, R.; FRANÇO, E. Emergência e natureza da metáfora primária. **Caderno de Estudos Lingüísticos**. 40:107-140, Jan./Jun. 2001

LITTLEJOHN, S. (1988). Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana. Rio de Janeiro: Guanabara.

MARTINS, Erik Miletta. Da linguística cognitiva à ciência social: 30 anos após “metáforas da vida cotidiana”, Michiel Leezenberg. **Revista Investigações**-ISSN: 2175-294X, v. 28, n. 2, 2015.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place**: The electronic media on social behavior. London, Oxford University, 1985

MOTA, N.B., Furtado, R., Maia, P.P.C., Copelli, M. & Ribeiro, S. **Graph analysis of dream reports is especially informative about psychosis**. Sci. Rep. 4, 3691; DOI:10.1038/srep03691 (2014)

MOTA NB, et al. (2012) Speech Graphs Provide a Quantitative Measure of Thought Disorder in Psychosis. **PLoS ONE** 7(4): e34928. doi: 10.1371/journal.pone.0034928

NICOLAU, Marcos et al. Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. **Revista Temática**, ano VI, n. 08, 2010.

NÖTH, Winfried. Análise de discurso com Peirce: interpretar, raciocinar e o discurso como argumento/Discourse analysis with Peirce: interpretation, reasoning, and discourse as argument. **Intexto**, n. 37, p. 34-46. 2016

PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Panorama Da Semiótica**: de Platão a Peirce. Annablume, 1995.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 1997.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000

_____. **Collected Papers**. Charlottesville (Estados Unidos): Intellect, 1994. 1 CD-ROM, Windows

_____. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. **The Essential Peirce** – Volume 1. Bloomington (Estados Unidos): Indiana University Press, 1992.

_____. **The Essential Peirce** – Volume 2. Bloomington (Estados Unidos): Indiana University Press, 1998.

_____. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977

_____. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980

PILZ, Jonas. Apropriações publicitárias de ciberacontecimentos: sentidos oriundos de conversações em rede operadas por atores sociais com interesses mercadológicos como estratégia de relacionamento. 2017.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais** : estudo com participantes de cenas de música eletrônica no *Facebook*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014a.

_____. *Personas no Facebook: Percepções sobre (Des)encaixes entre Selves On e Offline*. In: **Anais do 4o Congresso Internacional de Comunicação e Consumo**. São Paulo: ESPM, 2014b. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_seis/GT06_Polivanov.pdf> Acesso em: 14 nov. 2016.

POZZOLI, Vanessa Luciano. **“O que entende você por pragmatismo?”**: alguns confrontos entre os pragmatismos de C. S. Peirce e W. James. 2016.76 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

QUEIROZ, João. Introdução à divisão 3-tricotômica de signos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 2, 2011.

RANDELL, Joseph. **On Peirce's conception of the iconic sign**. 1986. (Ver. 2.0 of October 9, 1997)

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **A conversação em rede: Comunicação Mediada Pelo Computador e Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.^[1]_{SEP}]_____; ZAGO, G. Em busca das “Redes que importam”: Redes Sociais e Capital Social no

Twitter. In: **Anais do XVII Congresso da Compós**. Belo Horizonte: PUC/MG, 2009.

RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no *Facebook*: o caso da Fanpage “Diva Depressão”. In: **Revista Galáxia** (São Paulo, on-line), n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a19.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha; ZAGO, Gabriela da Silva; SOARES, Felipe Bonow. **Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter**. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS). (26.: 2017 jun. 06-09: São Paulo, SP).[Anais]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017., 2017.

REIS, Abel. Aproximações ao conceito de metáfora em CS Peirce. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 4, n. 2, 2008.

ROMANINI, Anderson Vinícius. **Semiótica Minuta: Especulações sobre a gramática dos signos e da comunicação a partir da obra de CS Peirce**. São Paulo, 2006.

_____. A contribuição de Peirce para a Teoria da Comunicação. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 14, n. 1, p. 13-56, 2016.APA

SAAD CORREA, B. Uma reconfiguração cultural possível e viável. In: **MATRIZES**. Ano 7 – no 1 jan./jun. 2013 - São Paulo - Brasil p. 283-289, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/56659/59689>>. Acesso em: 17 out. 2016.

SAAD CORREA, Elizabeth; BERTOCCHI, Daniela. O algoritmo curador: o papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica da informação. **XXI Encontro Anual da Compós**, 2012. Disponível em [https:// danielabertocchi.com/2012/11/02/o-algoritmo-curador-compos-2012/](https://danielabertocchi.com/2012/11/02/o-algoritmo-curador-compos-2012/)

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos**: semiose e autogeração. Editora Ática. 1995.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

_____. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. Pioneira, 2000.

_____. Memória e perspectivas da semiótica no Brasil/Memory and perspectives of semiotics in Brazil. **Intexto**, n. 37, p. 22-33. 2016

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. Paulus, 2004.

_____. **Semiótica aplicada**. Cengage Learning Editores, 2002.

_____. Chave do pragmatismo peirciano nas ciências normativas. **Cognitio: Revista de Filosofia**. ISSN 2316-5278, n. 1, p. 94-101, 2000.

_____. Charles Sanders Peirce. In: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Vera França. (Org.). (Org.). **Dicionário de Comunicação**: Escolas, Teorias e Autores. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 507-511.

_____. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. Pia Sociedade de São Paulo- Editora Paulus, 2016.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem, texto e contexto**. Imagem: cognição e semiótica, mídia, 2000.

SANTOS, Marcelo; CHIACHIRI, Roberto; PERSICHETTI, Simonetta. Semiótica peirceana e recepção: algumas bases conceituais e metodológicas a partir do conceito de experiência colateral. **LÍBERO**. ISSN impresso: 1517-3283/ISSN on-line: 2525-3166, n. 37, p. 81-90, 2016.

SARDINHA, Tony Berber. Análise de metáfora em corpora. Ilha do Desterro **A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, n. 52, p. 167-199, 2009.

SCHRÖDER, Ulrike. Os precursores filosóficos da teoria cognitiva das metáforas. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 46, n. 2, 2011.

SILVA, Josilane Márcia Justiniano da et al. **A construção metafórica do conceito relacionamento**: uma perspectiva cognitiva. 2016.

SØRENSEN, Bent; THELLEFSEN, Torkild Leo. Ontological Realms and symbolic Mediation of the hypoiconic Metaphor. **Semeiosis-Transdisciplinary Journal of Semiotics**, 2011.

SØRENSEN, Bent; THELLEFSEN, Torkild; MOTH, Morten. Metaphor and cognition from a Peircean perspective. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**: A Quarterly Journal in American Philosophy, v. 43, n. 3, p. 562-574, 2007.

THIBODEAU, Paul H.; BORODITSKY, Lera. Metaphors we think with: The role of metaphor in reasoning. **PloS one**, v. 6, n. 2, p. e16782, 2011.

VEREZA, Solange Coelho. **Sob a ótica da metáfora**: tempo, conhecimento e guerra. Editora da UFF, 2012.

_____. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. Linguagem em (Dis)curso – Watzlawick P, Beavin JH, Jackson DD. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Editorial. 1967. **LemD**, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007

WILSON, Aaron. Peirce versus Davidson on Metaphorical Meaning. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**: A Quarterly Journal in American Philosophy, v. 47, n. 2, p. 117-135, 2011.

ANEXO A

Transcrição da entrevista compartilhada por Jair Bolsonaro em 18/04/2016.

Jair Bolsonaro: Olha o deputado encaminhou o seu voto Jean Wyllys no final se referiu a quem tava votando sim como canalhas e tava a dois três metros de mim passou vários deputados na eu inclusive falei "tchau querida" que que é um termo ai usual no momento aqui no brasil e ele resolveu mirar em mim e dar uma cusparada né, escutei... Pegou no Cavalcanti e ele depois no site dele ta la ele falou que eu tentei segurá-lo de forma violenta você vê pelas imagens que é impossível aquilo acontecer e daí num site ele fala também que eu o ofendi com palavras que eu não pronunciar aqui mas eu tenho uma fita feita ali do meu lado que eu mostro todo o episódio e em nenhum momento existe as palavras de baixo calão citadas por ele.

A cusparada ele exagerou inclusive disse que quantas vezes forem necessárias vai cuspir na minha cara não dá pra gente conviver num ambiente como esse aqui então o pastor Everaldo que é o presidente do PSC já deu sinal verde já foi feita a peça acusatória né e vamos protocolar na mesa diretora e parte da mesa encaminhar ao conselho de ética e lá ele que se explique

Repórter: Por que que o senhor quer que o conselho de ética abra o processo porque no momento senhor chegou, se eu não tiver engando, até a falar que não ia?

Jair Bolsonaro: Não, eu nunca processei ninguém, eu não tenho não to não sou afeto a isso. Ele falou que vai continuar cuspiando na minha cara sempre que achar necessário e daí como que vai ser minha reação? Ficar quieto? Não tenho sangue de barata agora a minha briga com ele é no campo das idéias fisicamente nada com ele. O programa do Cabrini já tentou botar nós dois numa mesma mesa né e conversarmos sobre alguns assuntos, apesar de não concordar nada com ele eu topo esse debate aí. Agora essa agora “num” dá pra continuar nessa situação. Ano passado quando eu entrei num avião da Tam ele se levantou e foi pra outro banco imagine se eu faço isso imagine se eu dou uma cusparada na cara dele. Eu não daria porque eu tenho educação depois ele apelou... que tava no próprio site dele ele tava defendendo os direitos da mulheres, das transexuais, dos LGBT etc... E não tem nada a ver com o caso em si e eu vivo cordialmente cm a maioria esmagadora dos homossexuais por aí a minha briga é com o kit gay material escolar não é com ele agora ele que explique né? Com toda certeza no mínimo ele vai ganhar um cartão amarelo do conselho de ética

Repórter: que tipo de punição o senhor espera ?

Jair Bolsonaro: Não eu não quero nenhuma isso que decidam né? É a punição mais grave é cassação e depois outras como advertência e a suspensões temporárias não sei até quantos meses existe ali ele vai se explicar lá. O que ele falou no final, ele ofendeu todos os deputados chamou todos os 367 que votou “sim”. "Canalhas" esse foi o linguajar deles, ou seja, pra essa esquerda raivosa, ai, democracia é bom é boa né quando eles tão ganhando no voto quando perdem vão para a ignorância.

Repórter: A atitude dele configura caracteriza quebra de decoro na sua opinião?

Jair Bolsonaro: Ah se não for isso, o que que vai ser? Eu acho que um soco é menos é grave, mas é menos grave que uma cusparada

Repórter: O que justifica essa ...como o senhor se sentiu naquele momento? O senhor disse que foi atingido, não foi?

Jair Bolsonaro: Poxa a gente pensa em fazer muita coisa, mas a gente tem que se comportar afinal de contas eu estava com a razão nada pessoal particular contra ele. Ele se revoltou também botou no site que eu defendi um torturador ok, é posso discutir isso contigo sem problema nenhum também não gostaram porque eu elogiei o Cunha pela forma como ele conduziu o processo. Se não fosse o Eduardo Cunha nós não teríamos realizado a sessão de ontem e a Dilma estaria livre e leve e solta com toda a certeza afundando mais o Brasil e fazendo seu sucessor em 2018.

ANEXO B

Transcrição do vídeo compartilhado por Eduardo Bolsonaro em 18/04/2016.

Tudo bom pessoal, aqui deputado Eduardo Bolsonaro, hoje é dia 18 de abril, dia seguinte a votação do impeachment na câmara dos deputados, dia da esquerda chorar e dia dos trabalhadores sorrirem, inclusive tem gente pensando que o dia de ver o sol nascer quadrado tá mais também, perfeito, pessoal eu vim aqui para falar na verdade sobre essa história do Jean Wyllys ter cuspidido no deputado do Jair Bolsonaro.

Eu tenho que inicialmente falar da minha preocupação em não misturar coisas que não tem nada a ver eu não quero misturar generalizar todos os homossexuais. Eu vou falar aqui é do deputado Jean Wyllys porque eu tenho bem certo na minha cabeça que a militância LGBT o ativismo gay é uma coisa, o homossexual a pessoa que é normal a pessoa que paga seus impostos também essa pessoa não tem nada a ver com esse ativismo.

Feito esse esclarecimento vamos lá o deputado Jean Wyllys, aqui no *Facebook* dele, - mostra aí pro pessoal - se vitimiza como a gente já pode saber, já previa né, e ele fala o seguinte determinado momento "o deputado fascista viúva da ditadura me insultou gritando veado, queima a rosca, boiôla e outras ofensas homofóbicas e tentou agarrar o meu braço violentamente na saída Eu reagi com cuspe ao fascista." e depois ele entra aqui no Brilhante Ustra entre outras coisas.

Meus caros, ontem, eu ouvi muita coisa que eu não gostei também: eu ouvi Maríghela sendo chamado de herói, eu ouvi que MST é um movimento justo e por aí por diante fatos que eu não concordo e nem por isso eu cuspi em alguém. Essa não é a conduta de um parlamentar e Graças a Deus tudo foi filmado não só pela imprensa como num vídeo que eu vou mostrar pra vocês agora dá uma olhada aí

Repórter: "cuspir na cara do bolsonaro, cuspir, ele fala isso várias vezes cuspir não é uma atitude que se toma nem dentro da favela, a gente precisa lembrar lá lá dá modelo, enfim, muito menos no parlamento no momento como esse na câmara dos deputados nacional, que estava votando um pedido importante de impeachment portanto acho que foi o momento mais triste vamos dizer assim mais anti-democrático mais falta de respeito que a gente testemunhou durante a votação"

Jair Bolsonaro: "tchau querida, tchau amor, tchau querida, tchau querida"

Viram aí pessoal?! E aí será que dá para dizer que esses aí são os representantes dos negros esses é que são os representantes dos homossexuais dos nordestinos dos pobres? Ontem mesmo vocês tiveram exemplo de uma deputada que ela é negra, é de origem pobre, nordestina e ela votou a favor do impeachment então vamos botar por água abaixo esse mote aí. Vários negros vêm aqui me cumprimentar, vem falar comigo, pessoas humildes inclusive servidores aqui na casa e na verdade é o discurso de ódio deles, é o discurso de Karl Marx, dividir para conquistar. O Brasil é lindo, o Brasil é grande país e nós temos que agir como se todos nós fôssemos. Iguais porquê de fato nós somos.

Um abraço para você que é homossexual, um abraço para você que é afrodescendente, para você que não concorda com tudo está acontecendo com nosso país perfeito e vamos seguir em frente porque a guerra não acabou não ainda falta um pouco para a gente tirar a Dilma Rousseff de lá e dar melhores dias aos brasileiros, tá ok?! Forte abraço e fique com Deus.

ANEXO C

Transcrição da entrevista compartilhada por Jean Wyllys em 18/04/2016.

Repórter: Deputado Jean Wyllys, conta para nós o que aconteceu ontem.

Jean Wyllys: Mais uma vez, obrigado pelo convite. Primeiro eu quero fazer duas ressalvas antes de explicar o que aconteceu ontem. A primeira ressalva é que eu, de fato, fico preocupado com o país que, depois do que aconteceu ontem de maneira mais ampla e dentro daquela votação, diante daquele processo de impeachment conduzido por um réu no STF por crime de corrupção, lavagem de dinheiro e evasão de divisas; e urdido por um vice-presidente da República que apresentou à Nação como um conspirador e um traidor; diante daquele festival de discursos que apontam para uma sociedade conservadora, reacionária, de tradição, "família" e propriedade; diante desse discurso que aponta para a laicidade do Estado; da eminência de termos um governo ilegítimo, num país que está polarizado, com manifestações que já estão acontecendo; diante de tudo isso, da grave política econômica que será implantada por esse governo - uma política de mais cortes nos gastos sociais e direitos trabalhistas; diante disso tudo nós estamos discutindo a reação de um deputado diante de um insulto homofóbico. Esse é o primeiro ponto que eu queria ressaltar.

O segundo ponto: o que aconteceu ontem, a minha reação ao insulto feito pelo viúvo da ditadura militar tem um contexto. Aquilo não aconteceu apenas ontem, foi apenas a gota d'água. Há seis anos eu vendo sendo difamado diariamente nas redes sociais de uma maneira orquestrada, com calúnias que me transformam, inclusive, em pedófilo; uma campanha difamatória que inclui a invasão das minhas redes sociais; a descoberta dos meus dados pessoais e espalhados nas redes sociais, seguido de ameaças de morte. Essas difamações e ameaças estão protocoladas em denúncias na Polícia Federal. Há quatro anos eu faço essas denúncias e há indícios claros de que essa difamação parte de pessoas ligadas a esse senhor. Ele me insulta em todas as sessões da qual participamos nas comissões permanentes. Se resgatarem as imagens dessas comissões e ouvirem outros deputados, todos eles serão testemunhas de que eu sou insultado de "viado", de "baitola", ele usa palavras de baixo-calão para se referir à minha sexualidade. Ele insulta a comunidade da qual eu faço parte, nos trata como pedófilos e confunde homossexualidade com pedofilia. Ele bateu em uma mulher em pleno salão verde, chamando-a de vagabunda e anos depois disse que não estupraria essa mulher porque ela era feia. Esse mesmo deputado esmurrou um Senador da

República. Ele faz uma revisão da história todo o tempo, por exemplo, ao querer eleger um torturador que colocava ratos nas vaginas de jovens presas, como um herói.

Estamos nesse contexto e em uma polarização. Durante esses dias em que debateu-se o impeachment, houve deputados que quase foram às vias de fato e quase chegaram à violência física sem que isso provocasse um escândalo e sem que as pessoas achessem essas atitudes um absurdo. Nós, os deputados progressistas, estamos sendo constrangidos e insultados, incitados pelos deputados de direita e conservadores, que decidiram se comportar como os grupelhos fascistas da internet que ganharam acesso aos corredores da Câmara dos Deputados em conluio com Eduardo Cunha. Diante desse contexto, e em uma votação como aquela, eu fui dar o meu voto sob uma chuva de insultos homofóbicos. Dentre todos os deputados, a Jandira Feghali e eu talvez fôssemos os únicos que votaram sob insultos. Quando eu estava voltando esse senhor me xingou, eu virei e alguém que estava perto dele tentou segurar meu braço, eu virei, e diante do insulto que ele me fez, eu cuspi nele e cuspiria outra vez se a situação fosse a mesma.

Eu sou um ser humano. Não esperem de mim que eu dê a outra face como fez Jesus Cristo. Estou sob ataque há quatro anos sem que as pessoas reajam e com a imprensa tratando de forma natural o processo de difamação que eu enfrento e a destruição da figura pública de uma pessoa como eu, que sou honesto intelectual e materialmente, que trabalho e conduzo meu mandato e a política da maneira mais honesto e decente possível. Por muito menos, quando os perfis no Wikipidia da Mirian Leitão e do Sandemberg foram adulterados isso transformou-se, com razão, em um escândalo e tratou-se isso como algo absurdo. É curioso que isso se transforme em um escândalo, mas a destruição de uma figura pública de um deputado como eu seja feita apenas pelo simples fato de eu ser gay.

Eu não me arrependo de ter cuspidado nele após ele ter me xingado daquela forma, naquelas circunstâncias, sobretudo após elogiar um torturador condenado e que só não foi preso porque a nossa Lei da Anistia não permitiu prender os assassinos e torturadores da ditadura militar. Uma pessoa dessa merece, no mínimo, um cuspe, sobretudo por ter me insultado. Então foi isso que aconteceu. "

ANEXO D

Transcrição do vídeo compartilhado por Eduardo Bolsonaro em 19/04/2016.

Olá, aqui Deputado Eduardo Bolsonaro e como quem não deve não teme, tô aqui, de pronto, fazendo um vídeo improvisado para comentar um outro vídeo que tá rolando na internet, onde supostamente eu teria cuspidado de volta no deputado Jean Wyllys. De fato, o Jean Wyllys, o que que ele fez? Ele fez uma atitude de premeditada, pensada, motivada pelo Ódio que ele tem do deputado Jair Bolsonaro pela sua intolerância em ouvir opiniões contrárias à deles. E o que que foi a minha atitude? Foi uma reação a uma injusta agressão, feita por ele. Minha motivação foi proteger o meu pai, o deputado Jair Bolsonaro. E, senhores, imagina ali se eu tivesse... se eu tivesse de fato cuspidado no deputado Jean Wyllys. Ele já teria se vitimizado ao quadrado há muito tempo.

Só para deixar claro, esses fatos ocorreram no domingo, só hoje terça-feira é que conseguiram achar algum vídeo que dê alguma margem para que o deputado Jean Wyllys pudesse se vitimizar. Porém meus caros, eu pergunto a vocês o que é que você faria se fosse seu pai? Você assistiria tranquilamente? Você bateria palmas? Ficaria tranquilo, ainda mais um momento tenso daquele, praticamente final de copa do mundo que foi aquela votação do impeachment? E de fato, se quisesse mesmo agredir o deputado Jean Wyllys, se tivesse no meu coração o mesmo o mesmo ódio que ele tem no coração dele, eu teria partido para cima dele, ele ficou apenas alguns metros de mim ali. Só que quando ele cessou a sua injusta agressão eu não precisei ir para cima dele. Porque a essa cessão de injusta agressão dá-se o nome de legítima defesa. E a atitude que eu tive, eu teria com qualquer outra pessoa que não fosse meu pai. O deputado Jair Bolsonaro. Um deputado, um servidor da casa qualquer um. Porque quem tem o sangue policial reage nessas horas, não consegue ver uma vítima sofrendo injustamente.

Então, tá aqui esse recado, pensa um pouquinho se fosse pra proteger o teu pai o que é que você faria? Se fosse para proteger a sua família, um ente querido seu, de repente, um filho ou uma filha? Então fica aqui é essa palavra para sua reflexão e não vamos deixar eles se vitimizarem e me colocar no balaio de gatos deles. Não até porque a minha atitude foi totalmente diferente da do Jean Wyllys, inclusive com resultados diferentes. Um forte abraço e fique com Deus.